



Themístocles de Castro e Silva
Jornalista

Entre a candura e a rigidez: a consciência de um homem acostumado ao combate

Dias depois, havia finalmente descoberto o porquê que a comida não descia mais, que o repouso estava tão inconstante, o porquê de tanto acanhamento: haveria de entrevistar o senhor Themístocles de Castro e Silva. "Ah, é isso", diagnosticou um amigo fraterno. "A entrevista". Pronto, eu poderia começar a me acalmar, afinal, o que eu tinha fora identificado por um protetor amigo, em conversa ao telefone. Embora o conjunto de sintomas estivesse explícito para meu companheiro, a mim a observação dele me envergonhara. "Que diabos! Quantos anos de profissão serão necessários para que eu domine a voracidade do nervosismo para uma entrevista?"

A possibilidade da entrevista me subvertia, consumia meu juízo, corria meu espírito, destruía minha serenidade e eu me encontrava plenamente ávido para que todo esse estágio de tensão terminasse logo. Conhecia teoricamente os limites de uma entrevista, mas não de minha ansiedade. De repente, caía-me sobre os ombros a responsabilidade de apresentar o senhor Themístocles de Castro e Silva para as futuras gerações. Se o amigo me diagnosticou os sintomas de minha ansiedade, eu acabara, então, de definir o nome da doença. E, desde já, pus-me em tratamento. Comecei a me interrogar. "O que eu quero com essa entrevista?" Rapidamente, avistei o momento, mais ou menos em 2002, no qual eu li pela primeira vez um artigo do senhor Themístocles, no jornal O Povo, quando nem havia ainda entrado na faculdade de Jornalismo. Era um domingo e meu pai disse, debochando, ao ler o artigo no sofá da sala. "Esse velho é um reacionário". Descobri por cima do ombro de meu pai que o "velho" era, na verdade, o senhor Themístocles, e eu fiquei pensando, antes de tudo, no nome "Themístocles". "Puxa vida, não se tem mais nomes como antigamente".

Themístocles me pareceu um nome ancestral, de tempos de outrora, que já não voltam mais, um nome vigoroso, robusto, energético, valente, seguro, poderoso, intenso. Não lembro o teor nem o assunto daquele artigo, somente sei que, depois daquele, nunca mais deixei de ler os escritos do senhor Themístocles. Anos depois, o perigo da entrevista me envolveria, e, agora, faz-se necessário a reação. A fatalidade de se saber frente a frente com esse homem, que parece ser tão valente quanto o próprio nome, exige de mim muito mais que técnica de entrevista: pede minha alma. O desejo estúrdio de me aproximar des-

sa figura humana impõe-se diante de qualquer conjunto de processos jornalísticos; algo que grita dentro de mim, chamando-me para a luta aflita, ou melhor, para o diálogo possível. "Sei o que quero com essa entrevista. Mas é possível o que quero?" Seis décadas separam o nome Themístocles do nome Rodolfo. Uma diferença que fez minha face, naturalmente, corar diante dele, no primeiro encontro. Que não passou de 20 minutos! Vinte minutos! Período suficiente para que eu constatasse, diante de um senhor vestido com cores cândidas, de fala rápida, a segurar uma prescrição médica interminável, que ali havia um homem com larga experiência de vida; um jardim de indomáveis histórias.

Sua tez envelhecida dera-me a informação de que ali havia mesmo um ser humano, desses que são capazes de derramar lágrimas. "Minha mulher está doente, vivo para ela". De repente, o mistério da comoção tomava conta de mim. Essa descoberta veio acompanhada da imprecisão, como se alguma coisa abrandasse dentro de mim. O choque entre os escritos audaciosos e um senhor débil diante da doença da mulher. Quis registrar o que lhe atormentava naquele momento, mas, afofado, não tive habilidade para expor. Eu queria desvendá-lo, mas o silêncio, companheiro fiel, se fez presente. Rosto inquieto, medo no olhar, impressionado com o jardim, percebi, no primeiro contato, que o senhor Themístocles não havia excluído de suas sempre arraigadas convicções um límpido sentimento: o amor. Saí comentando, com meus colegas de produção, ao fim do encontro. "Jamais esquecerei o 'vivo para ela'".

A rudeza habitual de um homem que, nos seus escritos, parece excluir quaisquer sentimentos de tolerância, irrefletidamente, se expõe instável quando fala da mulher; o homem de vida austera, militar, se deixa invadir, sem resistência, pelo afeto do amor, pelo entusiasmo da sensibilidade, pelo sentimento que conserva na memória de mais de cinquenta anos junto à esposa. Desprendi-me das opiniões polêmicas do senhor Themístocles por um segundo e, durante todo esse segundo, distraí-me com o "vivo para ela". O senhor Themístocles, de intransigente, passou-me a benevolente. É difícil dizer quantos anos de vida há em cada ano de vida dos 78 já vividos do senhor Themístocles. Esclarecer é difícil e há muitas coisas a serem esclarecidas da vida do senhor Themístocles; esta entrevista vai ao encontro de iluminar, um tanto mais, o jardim que é esse homem.

Equipe de Produção:
Bruno Pontes
Rafael de Oliveira
Rodolfo Oliveira

Entrevistadores:
André Gurjão
Bruno Pontes
Diana Vasconcelos
Gabriela Alves
Hébely Rebouças
Isabelle Bento
Lorena Silva
Rafael de Oliveira
Rodolfo Oliveira

Texto de abertura:
Rodolfo Oliveira

Fotografia:
Carol Domingues

Entrevista com Themístocles de Castro e Silva feita em 27 de setembro de 2007.

Bruno — Senhor Themístocles, a equipe de produção apurou, e o senhor mesmo já disse em entrevistas anteriores, que seu pai foi uma influência muito marcante em sua vida. Ele foi professor em Caucaia (*município ao norte do Ceará, distante 20 quilômetros da capital Fortaleza*), era um homem muito culto. Nós queremos saber qual foi o papel de Júlio de Castro e Silva na vida do senhor.

Themístocles — É o seguinte: meu pai nasceu no Aracati, fez o seminário aqui, em Fortaleza, e queria ser médico. Não tinha condições financeiras e aqui não tinha escola de Medicina. Então ele foi para o Amazonas e lá ficou 37 anos. Ganhou dinheiro e tal... Quando (*então*) houve a queda do preço da borracha (*em meados do século XIX, o desenvolvimento industrial na Europa e na América do Norte fez crescer a procura pelo látex encontrado na Amazônia. A extração do produto proporcionou o crescimento de cidades como Belém e Manaus. No início do século XX, porém, o preço mais baixo da borracha extraída de seringais na Ásia e na África fez a atividade extrativista na Amazônia entrar em declínio*).

Ele já tinha oito a dez filhos. Eu sou filho do terceiro matrimônio. Meu pai casou três vezes. Dez filhos da primeira, um filho da segunda, e dois filhos da terceira — sou eu e uma irmã que eu tenho que mora ainda em Caucaia. A borracha baixou, ele em dificuldade com os filhos estudando aqui, (*conta dinheiro imaginário*) querendo dinheirinho, né? Ele morreu dizendo que se apressou. Porque vendeu os seringais, ele tinha dois seringais, quando devia ter esperado a elevação do preço da borracha, como a maioria fez. Ele vendeu lá e comprou a fazenda Pará, no Canindé (*município localizado na região Centro-Norte do Ceará, distante 114 quilômetros de Fortaleza*), onde eu nasci. Eu sou o único cearense dos filhos dele. (*O resto é*) tudo amazonense, inclusive minha irmã de Caucaia. Eu nasci em 29 na fazenda Pará. Muito bem.

Canindé seco, aquela dificuldade, ele, morando no Amazonas, compra uma fazenda numa terra seca. Eu sei que não deu certo o negócio, ele vendeu a fazenda. Eu já tinha... Nasci em 29; em 31, dois anos depois, ele veio para Caucaia e comprou um sítio do avô do Lúcio Alcântara (*foi prefeito de Fortaleza,*

deputado estadual, vice-governador, senador e governador do Ceará), Adelino Alcântara. Cheguei aqui com dois anos de idade. E renda não tinha. Ele (o pai) arranhou um emprego, um negócio parecido aí, naquele tempo era Ifocs, Inspeção Federal de Obras Contra a Seca (*atual Departamento Nacional de Obras de Combate a Seca - Dnocs*). Passou lá talvez um ano, quando foi convidado pelo prefeito de Caucaia para ser escriturário da Prefeitura, e ficou na Prefeitura até morrer, praticamente. Foi secretário... Ele que fazia praticamente tudo lá. No tempo do coronel Fausto Sales e outros prefeitos que o sucederam.

(*O pai*) tinha a letra muito boa, sabia português. Durante um tempo ele deu aula em Caucaia. Francês, inglês, português principalmente, ele saiu do seminário, né? E, com 81 anos, Deus o levou. Eu tinha 20 anos, parece. Eu me formei tarde porque já no quarto ano do ginásio do Liceu (*o Liceu do Ceará foi criado em 19 de outubro de 1845. Funcionava no prédio onde atualmente fica o 5º Batalhão da Polícia Militar do Estado do Ceará, em Fortaleza. Em 1935, foi transferido para a Praça Fernandes Vieira, atual Praça Gustavo Barroso, no bairro Jacarecanga, onde permanece até hoje*) eu tive que procurar emprego para ajudar na despesa de casa. E, me lembrei, os jornais deram um concurso do Exército, (*para*) sargento do Exército, ganhava 800 cruzeiros, ainda lembro bem do preço (*ele quis dizer salário*). Eu no Liceu tinha como companheiro Ebe Firmeza, ainda tá vivo, neto do nosso professor de História da Civilização Hermenegildo Firmeza, que colaborava na Gazeta de Notícias (*jornal fundado no início do século XX por Antônio Drummond de Miranda, extinto no início dos anos 70*). Eu vinha com o Ebe, o Ebe passava no jornal, para pegar o jornal e levar para o avô dele, e eu apenas fazia companhia.

Num desses dias em que eu passei, quatro revisores do jornal entraram em greve. (*José*) Blanchard Girão (*1929-2007, escritor, jornalista e deputado estadual cearense eleito em 1962 pelo Partido Social Democrático e cassado dois anos depois pelo regime militar*), que morreu outro dia; Ari Cunha (*José de Arimathéa Gomes Cunha, jornalista*) que hoje é gente importante no Correio Braziliense (*jornal fundado em 1960*

Entusiastas do trabalho de Themístocles de Castro e Silva, os alunos Rodolfo e Bruno ficaram bastante excitados com a possibilidade de entrevistar o jornalista tão querido por ambos.

Rodolfo e Bruno acompanham há vários anos os artigos de Themístocles no jornal O Povo de Fortaleza. Para ambos, os escritos do jornalista são o que há de melhor na imprensa cearense atual.

Parecia causa perdida, mas deu certo. Themístocles não só foi escolhido um dos entrevistados da Revista Entrevista, como também foi o mais votado pela turma.

A lábia foi tão eficiente que Rodolfo e Bruno estão cogitando a possibilidade de entrar para a política partidária.

Feita a escolha, Rodolfo passou a ligar para Bruno, comentando os temas dos artigos publicados por Themístocles no jornal O Povo. "Você viu o desse domingo?"

No processo de produção da pauta da entrevista, Rodolfo e Rafael detona-ram no setor de banco de dados do jornal O Povo. Foram embora depois das 23 horas.

por Assis Chateaubriand), Odalves Lima, que já morreu; e um rapaz chamado Padilha, o apelido dele era até Tarzan, "maguinho" como um todo, mas a turma chamava ele de Tarzan. Não sei onde é que ele anda. Os quatro entraram em greve. E eu passeando com o Ebe lá, pensando em ir me inscrever para o concurso de sargento do Exército, quando me convidaram, se eu queria ser revisor do jornal ou coisa que o valha. Eu digo: "Topo". Era (o salário) 300 reais... Não, que reais... Era 300 mil réis (a produção apurou com Themístocles que ele ganhava na verdade 35 cruzeiros por semana). Isso foi em agosto de 1945. E aí começou minha vida de jornal. Até hoje.

Na Gazeta eu fui ajudante de revisão, revisor, redator e redator-secretário, substituindo, para muita honra minha, um cidadão que morreu outro dia chamado Geraldo da Silva Nobre (1924-2005, historiador, pesquisador, jornalista e escritor cearense, autor do livro *Introdução à História do Jornalismo Cearense, entre outros*), um dos grandes jornalistas daqui do Ceará. Ele saiu, o Joaquim Juarez Teixeira me chama para sucedê-lo e eu fiquei na Gazeta. A Gazeta pagava menos do que os Associados (*cadeia de jornais, rádio e televisão fundada por Assis Chateaubriand*). Naquela época, o sonho do jornalista era pertencer à cadeia dos Diários Associados. Era uma cadeia, na época em que eu estava lá, que tinha 20 e tantos jornais. Não tinha televisão ainda, mas o Chateaubriand (*Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, 1891-1968, paraibano, foi o criador dos Diários Associados, a mais influente cadeia de imprensa no Brasil durante as décadas de 50 e 60. Foi também jornalista, advogado, professor de Direito, membro da Academia Brasileiro de Letras, senador e embaixador*) já tava se mexendo no assunto. Então fui convidado pelo doutor (João) Calmon (*diretor-geral dos Diários Associados, braço direito de Assis Chateaubriand*) para ir para os Associados. De secretário da Gazeta, fui ser tradutor de telegrama dos Diários Associados. Correio do Ceará e Unitário (*os dois jornais faziam parte*

"Com quinze, dezesseis anos não dá para ser rígido. Se o sujeito é rígido com quinze anos, é doente"

Havia um certo receio da equipe de produção em fazer o primeiro contato com Themístocles. Ele ainda tinha para nós a imagem de durão. Sobrou para o Bruno.

da cadeia dos Associados). O que era o tradutor de telegrama? Não tinha comunicador, não tinha nada na época. A Agência Meridional (*criada por Assis Chateaubriand*), da qual eu fui secretário no Rio (*de Janeiro*), mandava para todos os órgãos associados o noticiário do dia. Política, policial, tudo. Mandava em linguagem telegráfica. Daí a minha função: tradutor de telegrama. Eu botava pontuação, aquele negócio todo.

Rodolfo — O senhor disse que perdeu o pai aos 20 anos. Eu quero saber como foi essa perda, na época o senhor começava sua carreira profissional.

Themístocles — A morte de um pai é morte de um pai, né?

Rodolfo — Claro.

Themístocles — Eu já estava, vamos dizer, praticamente emancipado, estava quase independente. Eu já estava no jornal quando ele morreu. Já tinha quatro anos (*de jornal*)... Eu trabalhava de manhã e de tarde, só ia para casa praticamente dormir. Ali naquela praça José de Alencar (*localizada no Centro de Fortaleza, é uma homenagem ao escritor cearense José Martiniano de Alencar, um dos expoentes do Romantismo*), eu terminava o jornal quatro, cinco horas da manhã, eu ia para os bancos lá esperar o ônibus de Caucaia. Cansei de dormir lá (*imita a pose sonolenta na cadeira*)... Chegava o ônibus, tal, e eu ia pra casa. Dormia lá de manhã... Então ele morreu, eu já tinha o quê? Eu já podia ter ido embora, e só fiquei aqui esse tempo todo por causa do meu pai, quando ele morreu deu pouco tempo eu fui para o Rio de Janeiro, mas aí já é outra história.

Hébely — O senhor fez toda uma retrospectiva da carreira, mas ainda estou com uma curiosidade. O que eu queria saber do senhor é aquela parte da relação pessoal com o pai, entende? Como era? Vocês saíam juntos, conversavam, como era a relação íntima de vocês?

Themístocles — Não, eu não saía, não. Primeiro: a diferença de idade era muito grande. Eu tinha 15 anos, ele tinha 70. Ele morreu com 81 anos. Então, primeiro, morava em Caucaia, nem luz tinha. A luz apagava às 10 horas da noite. A luz era debaixo de um coreto defronte à igreja que ainda está lá. E a luz era da igreja também. Do padre José Romualdo de Sousa, com quem eu ajudei missa lá, durante muito tempo... Até sacristão eu fui na vida. Pois bem. Então 10 horas apagava a luz. Lá em casa não tinha rádio. E não tinha para onde ir, não. Se meu pai quisesse me levar, levar para onde? Não tinha para onde ir. Caucaia hoje não tem para onde você ir, quanto mais naquela época! Então, quando eu tinha folga, quando

eu era só estudante, ia para a pracinha do mercado, ia jogar bola. Estudava alguma coisa. Não era, como a maioria dos jovens, não era muito de pegar livro. Só quando o sujeito adquire uma certa responsabilidade é que ele se dedica ao livro, senão não vai ser nada na vida, né? Então é isso. Meu pai me deu tudo, mas, quando mais eu precisava, ele faltou. Então eu tive que assumir a responsabilidade da minha casa e de ganhar a vida, e também ganhei.

Rafael Oliveira — E como era o relacionamento do senhor com os seus irmãos, principalmente os que eram filhos de outros casamentos de seu pai?

Themístocles — Três irmãos eu conheci quando fui para o Rio, não conhecia. Por quê? Porque eu não era nem nascido e eles eram estudantes aqui, quando eu nasci eles foram para o Rio, não voltaram. Se eu não tivesse ido para lá, não tinha conhecido. Aqui (Ceará) uma morava em Baturité (*cidade do interior do Ceará localizada na região do Maciço de Baturité, distante 100 quilômetros de Fortaleza*), algumas morreram, duas moravam aqui (Fortaleza). E lá (Rio de Janeiro) morava um médico, meu irmão mais velho era médico, tem até um filho coronel do Exército, o Mozart, e o Adolfo, que, por sinal, era meu padrinho. O sujeito foi meu padrinho sem estar presente, como é que pode, né? Era meu padrinho, meu irmão Adolfo, que foi superintendente da SulAmerica Seguro de Vida (*empresa fundada em 1895 por Dom Joaquim Sanchez de Larragoiti, especializada em planos de seguros*).

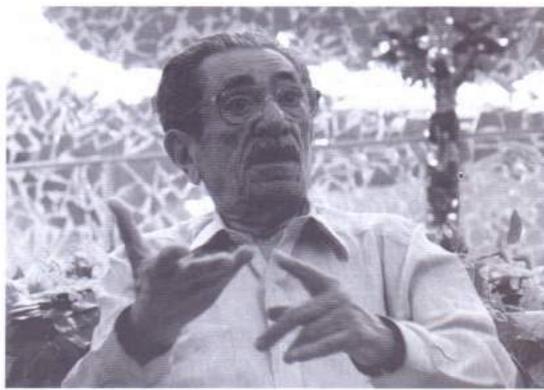
Isabelle — São quantos irmãos vivos que o senhor tem hoje?

Themístocles — Só uma. É uma que foi mulher do prefeito de Caucaia, Zé Nunes de Miranda, que morreu outro dia. Ele foi prefeito, foi vice-prefeito. A Raquel, minha irmã, tem oito filhos dele. É uma família muito grande, mas só tem ela de viva, e é amazonense.

Rodolfo — O senhor falava sobre a relação com os irmãos, na época que o senhor foi ao Rio de Janeiro. Como era essa relação, vocês se deram bem logo de cara?

Themístocles — Bem, bem (*enfático*). Bem cem por cento. Agora eu estou sem contato. Primeiro: há uns quatro a cinco anos eu não vou ao Rio por causa da situação da minha mulher (*Maria Eunice Ferreira de Castro, que sofre do mal de Parkinson*). Também eles não vêm aqui. Então eu ainda tenho muito sobrinho lá em São Paulo, no Rio de Janeiro, até aqui tem um bocado também. Mas o relacionamento é o melhor possível. Enquanto eu estava no Rio era um domingo na casa de um, um domingo na casa de outro.

Isabelle — Sua família é muito grande, né?



Themístocles — Dá para eleger um deputado, só ela (*risos da turma*).

Gabriela — E como era a relação com sua mãe?

Themístocles — A melhor possível. Minha mãe morreu com 86 anos. Mulher valente, amazonense também. Quando meu pai enviuvou a segunda vez, casou com a minha mãe, que era filha de um empregado dele, lá em Manaus (*capital do estado do Amazonas*), Manaus não, morava num interior, sei lá, um daqueles municípios. Saí com 20 anos de casa, fui para o Rio e fiquei sustentando minha mãe. Comprei casa para ela, vizinha a minha irmã, (*orgulhoso*) morreu na casa dela! Ela só morou em casa dela quando chegou em Caucaia. Como o meu pai foi financeiramente perdendo substância, eu comprei uma casa para ela. Maria Augusta de Castro e Silva.

Isabelle — E a dona Maria Augusta era muito rígida com o senhor?

Themístocles — Não, não. Primeiro que eu não tinha nem tempo de ser malandro. Não tinha tempo. Comecei a trabalhar muito cedo, ela já me conheceu ajudando dentro de casa. Eu nunca fui de... Jogar bola todo mundo joga, né? Até outro dia eu vi o governador (*Cid Gomes, eleito em 2006 governador do Ceará pelo Partido Socialista Brasileiro*) jogando voleibol no gabinete dele, ó (*simula uma jogada de vôlei e todos riem*). Minha vida foi trabalhando, até hoje. Eu tô com 78 anos, trabalho de manhã, de tarde e de noite.

Diana — Nesse período, que o senhor disse que começou a trabalhar muito cedo, os seus irmãos não enviavam nenhuma ajuda de custo para as despesas de casa?

Themístocles — Eu me lembro que o Adolfo, meu irmão, mandava uma contribuição não só para o papai como para uma irmã dele, a Julinha, que é mãe do doutor João Batista Carneiro, urologista famoso aqui em Fortaleza.

Diana — Mas fora ele, nenhum dos outros irmãos ajudava?

Themístocles — Que eu saiba, não. Também não sei se o papai pedia, né? Tem mais essa.

Themístocles acabou se afeiçoando mais ao Bruno. Antes da gravação da entrevista, perguntava constantemente: "Onde está o Bruno?".

Rodolfo passou a baixar da Internet as músicas favoritas de Themístocles. Todas da década de 30 ou 40, a chamada "época de ouro do rádio". Orlando Silva, Lupicínio Rodrigues...

Colaboraram com a produção da entrevista os jornalistas Valdério Muniz, Luis Henrique Campos, Demitri Túlio, Dedé de Castro, Frederico Fontenele, Plínio Bortoloti, Adisa Sá e a ex-prefeita de Fortaleza Maria Luiza Fontenele.

Durante praticamente um mês, a equipe de produção procurou ler o máximo de artigos possíveis de Themístocles, além de acompanhar outras atividades do jornalista no rádio e na TV.

Na fase de pesquisa para a entrevista, a equipe de produção leu várias cartas de leitores do jornal O Povo. Todas criticando Themístocles.

"Vocês vão entrevistar o Themístocles?" Espan- tou-se o pai de Rodolfo.

Bruno — Eu fico imaginando o senhor chegando com 16 anos de idade no Gazeta de Notícias. Como é que foi sua chegada lá?

Themístocles — Eu fui ser ajudante de revisão. Foi um grande erro terem acabado a revisão nos jornais. A revisão era o seguinte: era linotipo (*máquina inventada no final do século XIX na Alemanha, que funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos*), não era computador. A máquina do tamanho de um bonde, aquele negócio todo, um pedacinho de chumbo, pá, pá, pá, vocês devem conhecer linotipo, né? Então, juntava e batia a prova. Ia para a revisão. O que era a revisão? Eram dois revisores, um lendo e o outro acompanhando. Eu estou lendo aqui (*simula leitura*), "essa turma da faculdade de Medicina...", pá, pá, pá, se ao invés da faculdade de Medicina tivesse de Direito, o que tava acompanhando dava um sinal, assim (*bate três vezes na cadeira*) era ponto e uma pancadinha era a vírgula, e quando era um erro de palavra ele gritava: "Não é isso, é isso". Então, isso é fundamental. Foi fundamental para mim e para todo jornalista da época.

Eu fazia revisão até de balanço, passei a entender até de balanço de banco, isso é coisa que ninguém entenda? Então, toda matéria do jornal passava pelo revisor. Hoje não passa porra nenhuma, que eu vejo no *O Povo* (*jornal fundado por Demócrito Rocha em 1928, o mais antigo ainda em circulação no Ceará*). Cada um é no computador, e não sei o quê, é pê, pê, pá, pá, pá, aquele negócio todo. Agora, primeiro: naquele tempo a turma sabia escrever. Os colaboradores, Luís (*Cavalcante*) Sucupira, (*João*) Perboyre e Silva, Zé Martins Rodrigues; um dos grandes jornalistas deste país, Zé Martins Rodrigues. Para mim, eu considero o maior jornalista vivo aqui Hildebrando Espínola (*jornalista, professor, sociólogo e bibliófilo*), paraibano, pai do Rodolfo Espínola, colega de vocês.

Hildebrando era uma figura extraordinária, de estilo; você lê o artigo dele duas, três vezes, não se contenta em ler uma vez só. Ele é o autor de um artigo famoso aqui, eu digo isso sem nenhuma intenção, mas só pela repercussão do artigo. Não vou dizer o nome, mas um determinado jornalista aqui, o jornal deu uma notícia, ele não gostou, foi lá com o revólver, não tinha ninguém, deu uns tiros na linotipo e foi embora. Então o diretor do jornal chamou o (*Hildebrando*) Espínola e mandou fazer um artigozinho. Ele fez o artigo com o título "*Recua, cachorro!*" Recua tem que botar vírgula, não sei se vocês botariam, né? "*Recua, cachorro!*". Rapaz, foi uma repercussão, minha Nossa Senhora...

André — O senhor passou um ano sendo revisor. Eu queria saber como foi receber a notícia de que você passaria a escrever na Gazeta de Notícias.

Themístocles — Eu não escrevia, não, eu era o cozinheiro (*gíria jornalística para designar o profissional que aprimora o texto e corrige erros*), eu fazia o jornal. Primeiro eu era revisor, não escrevia coisa nenhuma. Depois passei para redator, quer dizer, fui escrever notícia. Tinha um camarada que fez a notícia e deu o título: "*Realiza-se hoje a procissão de Habeas Corpus*". Não tem a procissão de Corpus Christi? Ele botou foi Habeas Corpus (*risos de todos*). Tem essas coisas no jornal também. Então, eu fui repórter da Assembléia, da Constituinte de 47! Naquele tempo não tinha redator só disso, não; era eu, Arabá Matos (*José Arabá Matos, falecido jornalista cearense que trabalhou no Gazeta de Notícias e no Jornal do Dorian*), o João Uchoa na parte policial e o Arnaldo Fontenelle.

André — Como você recebeu a notícia de que passaria a ser redator?

Themístocles — Não era essas coisas não, porque cadê? (*esfrega mais uma vez dinheiro imaginário. Risos gerais*). Então, eu não me emocionava tanto, não... (*mais risos*). Para secretário foi bom! Secretário é o chefe, né? Eu nunca pensei em ser o secretário do jornal, que hoje chama editor, que é um erro. Quem edita é a empresa. O editor do (*jornal*) O Povo é a empresa, não é o fulano que tá lá escrito, não.

Hébely — Eu ainda estou um pouco curiosa sobre a sua vida pessoal. O senhor demonstra ser uma pessoa muito rígida, né? Muito afeito a regras, normas, e eu fico imaginando como era...

Themístocles — (*interrompe*) Norma não é feita para a gente cumprir?

Hébely — Com certeza, é quase um elogio dizer que uma pessoa deseja cumprir as regras. Eu fico imaginando a sua infância. Provavelmente o senhor não era um menino que cumpria todas as regras com total desenvoltura. Eu queria que o senhor me falasse um pouco da sua infância e das lembranças que o senhor tem. Toda criança tem aquele lado puro, ingênuo, de brincar, e tem um lado também que quando você chega na fase adulta, pensa: "Meu Deus, como é que eu era uma criança desse jeito?" Traquina, malandro... O senhor teve esse lado?

Themístocles — Não tinha tempo para isso, não.

Hébely — Na infância?

Gabriela — E o que o senhor fazia?

Themístocles — Primeiro: eu com nove, 10 anos, tava no Instituto Lourenço

Os primeiros contatos da equipe de produção com Themístocles geraram muita apreensão, principalmente em Bruno, membro da equipe encarregado dos telefonemas.

O estado de saúde delicado da esposa de Themístocles inspirou o cuidado da equipe de produção nas abordagens ao entrevistado. Estávamos todos com medo de desrespeitá-lo.

Filho (*escola fundada em Fortaleza pelos educadores Filgueiras Lima e Paulo Sarasate em 1938*) me preparando para a admissão ao Liceu. O velho Liceu do Ceará, que não volta mais ao que era nunca, nunca, sob o comando do professor Otávio Terceiro de Farias. Era um vestibular...Vestibular não, era um exame de admissão mais sério do que o vestibular hoje. Então eu estava no Instituto Lourenço Filho. Colega de turma de quem? Humberto Martins Rodrigues, tá vivo; o filho do reitor Martins Filho (*o primeiro reitor da Universidade Federal do Ceará*) que é médico, Murilo Martins; Célio Fontenele, advogado do Banco do Nordeste; João de Deus Cavalcante Filho, do cartório... Esses foram meus colegas de 1940. Então eu estava me preparando para o Liceu, eles continuaram no Lourenço Filho. Podiam pagar. Meu pai não podia. A minha irmã era aluna do Lourenço Filho, meu pai pagava por ela e o Paulo Sarasate (*foi deputado federal nas décadas de 30 e 40 e governador do Ceará na década de 50*) permitia que eu fizesse o curso sem pagar, porque meu pai já pagava o da minha irmã, que se diplomou lá pelo Lourenço Filho. Pois bem. Eu saí do Liceu praticamente para o jornal. Não é que eu fosse santo, eu não tinha era tempo. Mas fiz serenata na Caucaia. Meu sogro não queria meu casamento com a minha mulher de hoje porque eu fazia serenata para ela. Eu me juntava com o pessoal que bebia e fazia. Nunca bebi. Eu vim botar cerveja na boca (*quando*) eu já tinha 30 anos, por aí.

Bruno – O senhor tocava, cantava?

Themístocles — Tocava porra nenhuma. Nem trombone. Tocava nada (*risos generalizados*). Gostava de música como gosto ainda hoje. Passei 30 anos fazendo um programa de música (*“Quando a Saudade Apertar”, na Rádio O Povo*), tenho uma boa literatura de música popular, conheço música popular, mas não toco instrumento coisa nenhuma.

Gabriela – E a bateria?

Themístocles — Toco!

Todos – Ahhhhh!

Themístocles — Toco. No Rio eu tinha bateria dentro de casa.

Gabriela — O senhor aprendeu a tocar bateria no Rio?

Themístocles — É, dentro de casa. Era eu, um cunhado meu, mais uns dois lá. Meu professor era baterista do Copacabana Palace (*hotel tradicional do Rio de Janeiro*) e ia lá para casa em dia de domingo e ficava lá, dentro de casa, brincadeira só. É um instrumentozinho difícil, viu? Bateria, nunca mais. Vim para cá e vendi por cinco contos a bateria... Mas viu, minha filha, eu era meio moleque também, mas eu não tinha era tempo!

Hébely — O senhor é uma pessoa tão rígida, que eu fico curiosa de saber como é essa parte mais...

Themístocles — (*interrompe*) Nãaa, mas com quinze anos, dezesseis anos não dá para ser rígido, não... Se o sujeito é rígido com quinze anos, é doente (*risos de alguns alunos*). Não é normal do jovem, não.

Hébely – Fora as serenatas, o senhor tem mais lembranças, assim...

Themístocles — O namoro com a minha mulher de hoje, a minha primeira namorada (*os alunos ficam admirados, de um jeito ou de outro*). Quatro anos de namoro, dois de noivado, 56 de casamento.

Gabriela — Ela morava em Caucaia?

Themístocles — Morava em Caucaia.

Gabriela — Como foi que o senhor conheceu?

Themístocles — No trem (*alguns alunos se admiram*). Eu vindo para o Liceu e ela para o Santa Cecília (*escola fundada em 1911 pela educadora Almerinda Albuquerque. O colégio faz parte do Instituto das Damas da Instrução Cristã*), parece. Nós morávamos na mesma rua, ela depois do trilho e eu antes do trilho. Sabe como é namoro, tem um carinho, né? Quando dá fé, quando você menos espera, tá seguro (*risos da turma*). Eu casei no dia 30 de junho. Namorei quatro anos, pedi em casamento, o véi me deu, apenas pediu que eu esperasse que ela tava cursando a faculdade de Farmácia. Eu disse: “Pois não, não tem problema”.

Daí, fui para o Rio. Eu tinha a intenção de ir pro Rio, mas quando fui, não fui pra ficar. Eu aqui nos Associados nem pensei nos Associados lá. Eu não fui pra ficar. Fui para passar uma temporada, ver como é que é, né? Mas a minha noiva, Maria Eunice, eu disse: “Eu venho...” — eu já tava mal intencionado, eu sabia que ia ficar —, saí daqui com duas roupas. Eu digo: “Eu venho buscar em junho”. Casei no dia 30 para não casar no dia primeiro de julho.

Gabriela – De que ano?

Themístocles — 1951. Casei em Caucaia. Fui lá no padre. “Qual é o horário que tem

“Para o maior inimigo eu não quero essa situação que agora estou atravessando. Não tenho mais vida”

Os primeiros contatos foram feitos pelo celular do motorista de Themístocles. O motorista acabou sendo de muito utilidade para a equipe de produção.

A pré-entrevista acabou sendo adiada várias vezes, pois a saúde fragilizada da esposa tornava a rotina de Themístocles imprevisível.

Bruno deu azar em um dos telefonemas para Themístocles. “Ele está assistindo ao telejornal”, foi informado. Bruno, mais tarde, esperou o intervalo para ligar de novo.

Para aliviar a barra de ligar à noite, no momento de descanso, Bruno puxou um breve papo sobre a absolvição de Renan Calheiros, havida na tarde daquele dia. Deu certo.

Finalmente agendamos um encontro na Associação dos Ex-Deputados do Estado do Ceará, de onde Themístocles é conselheiro consultivo.

menos gente na Igreja?" Ele disse: "Meio-dia". "Então é nessa hora que eu venho" (*risos da turma*).

Rafael Oliveira – Eu gostaria de saber como é que está sendo para o senhor enfrentar esse momento agora com a sua mulher. Porque ela foi sua primeira namorada, foi a única mulher na sua vida, e agora se encontra numa situação muito delicada, questão de doença.

Themístocles — Não, o que eu digo a você eu reduzo em poucas palavras. Se eu tiver, não sei se tenho, para o maior inimigo eu não quero essa situação que agora eu tô atravessando (*lágrimas nos olhos, silêncio demorado*). Eu acho que é isso. Minha vida tá destruída. Não tenho mais vida, não tenho mais nada. Não vou a nenhum canto, não vou mais nada, nada.

Hébely – Mas o senhor mesmo disse que continua trabalhando...

Themístocles — Exato, (*resignado*) sou eu só e ela! Tenho duas filhas. Uma mora na Alemanha, a outra é aqui, é casada, tem filho, tem marido, tem tudo. Não podem cuidar dela como eu cuido.

Hébely – Como é que está sua rotina, entre cuidar da mulher e ter que cumprir as obrigações do trabalho?

Themístocles — É isso aqui que vocês estão vendo. Escrevo para o jornal O Povo, participo de um programa de rádio e televisão, sabe Deus como, mas... Um dia pára. Um dia pára. Para você ver, eu tenho uma tala aqui (*mostra o punho direito*), isso aqui não tem sensibilidade nenhuma (*fricciona os dedos*), esses dedos... E nessa aqui (*mostra a mão esquerda*) já está começando também, de tanto bater (*ele quer dizer datilografar ou digitar*). Em homenagem a vocês eu não trouxe a tala porque já está muito suja de jornal, né?

Rodolfo – Em 1955 o senhor foi diretor da Rádio Vitória, no Espírito Santo. Eu gostaria de saber como se deu isso. O senhor estava no Rio de Janeiro, trabalhando na agência, de repente o senhor já estava em Vitória.

Themístocles — Eu era sub-secretário do jornal e era secretário da Agência Meridional, quando o diretor-geral dos Diários



Seguimos da faculdade para lá. Tudo ia bem, até percebermos em cima da hora que descemos a quilômetros do endereço certo. Vacilamos feio.

Os mancebos saíram em marcha olímpica do centro de Fortaleza até a Aldeota. Tínhamos muita distância para poucos minutos. Esporte é vida.

Chegando aos quartéis finais e com o relógio já indicando atraso, Bruno, dono de preparo físico invejável, sugeriu: "Que tal a gente correr?"

Associados, doutor João Calmon — que já tinha me convidado para ser diretor dos Associados em Alagoas, e minha mulher estava esperando ter um filho, não quis ir, aquele negócio todo, não deu, disse a ele que não ia — me convidou uma segunda vez. Comprou os Associados lá e me convidou para tomar conta. Aí eu digo: "Não, isso aí já é parte de fraqueza". Topei e fui. Daí a grandeza da minha mulher. Ela ficou nove meses no Rio de Janeiro sozinha, vivia com a filha doente. E eu no Espírito Santo sozinho também, para não dar o braço a torcer, para não dizer que não ia (dá a entender que não queria dar uma de frouxo). Mas passei nove meses lá. Acho que fiz muita coisa. Deixei a rádio faturando naquela época cento e tantos mil, sucursal do jornal e tudo, quando o Orlando Mota (*cearense, jornalista, atuou, entre outros órgãos, na Ceará Rádio Clube*) daqui foi convidado pelo Calmon para ir ser o secretário do jornal lá, no Rio de Janeiro. Que eu era o sub, mas tava em Vitória. Então o Orlando exigiu: "Traga o Themístocles". Meu compadre, o Orlando, não conhecia o Rio de Janeiro, aquele negocio todo. Ainda me lembro do telegrama do Calmon: "Autorizo sua vinda trazendo toda a bagagem, Calmon". Ele era assim, viu? O negócio dele era assim. Aí eu peguei o telegrama e (*pense*): "Diabo é isso?". Chamei o gerente. "Que é que tá havendo, tá normal aí?" E tal, pá, pá, pá. Cumpri a ordem. Peguei a bagagem e voltei. Disse: "O que é que tá havendo, chefe?". Aí foi quando ele me contou. E eu: "Mas rapaz, você passa um telegrama desses para mim, eu pensei que tava havendo uma tempestade aqui". (*Simula ler o telegrama*) "Autorizo sua vinda trazendo toda a bagagem" (*risos*). Foi quando o Orlando disse que só assumia se eu ficasse com ele na redação. Coincidiu que logo depois o Parsifal (*Barroso, governador do Ceará de 1959 a 1963*) foi nomeado Ministro do Trabalho (*pelo presidente Juscelino Kubitschek*) e me convida para o gabinete. Aí pronto, só outra pergunta.

Isabelle – Nessa época o senhor entrou para o sindicato dos jornalistas lá, né?

Themístocles — No Rio.

Isabelle – E o senhor passou quanto tempo lá, ligado ao sindicato dos jornalistas?

Themístocles — Eu nunca fui nem lá.

Isabelle – Foi mesmo?

Themístocles — Eu me associei, mas nunca gostei.

Bruno – O senhor acha que não tem importância?

Themístocles — Não.

Isabelle – Nem hoje, nem nessa época?

Themístocles — Não pelo seguinte: eu fui do Ministério do Trabalho, fui presidente

da Comissão Técnica de Orientação Sindical. No Ministério do Trabalho eu fui secretário do ministro, fui oficial de gabinete e fui presidente dessa comissão. Eu nunca vi tanta picaretagem na vida como na vida sindical. Um bando de interesseiro, desonesto, safado — no setor onde eu estava. Sindicato dos Marítimos, sindicato disso... Não tinha nada com jornalismo, não, inclusive eu nunca vi nada de natureza *(ilícita)*. Você sabe que eu nunca pedi aumento de salário a ninguém? Nunca participei de nada. Nunca fui disso. Eu acho a greve, aqui para nós, sob certos aspectos, até uma chantagem. Tem sentido o médico fazer greve? *(médicos em estados nordestinos e em Fortaleza estavam em greve na época da entrevista)* Tem que morrer porque o sujeito *(se faz de médico)* "Não, eu tô de greve"? Por que eu tô querendo mais de um salário? Paciência!

Hébely — O senhor acha que as pessoas não devem... O senhor é contra...

Themístocles — Eu acho a greve um absurdo. Direito de greve é uma estupidez, porque ninguém tem o direito de prejudicar a coletividade. Greve de motorista de ônibus: escolhe a hora do rush, cheio de ônibus, o motorista vai embora e deixa todo mundo a pé, o aleijado, o cego... Tenha paciência. Não é possível isso, não é da minha formação. Não tem a Justiça do Trabalho? Tudo você consegue através — o sujeito mata alguém, você vai perseguir o criminoso através da Justiça — por que é que não pode procurar aumento de salário através da Justiça? E todos conseguem! Então... Greve de médico? Aquele que jura? O juramento de Hipócrates *(460-377 a.C, viveu na Grécia, considerado o pai da Medicina): "Penetrando no interior dos lares, meus olhos serão cegos, minha língua calará os segredos que me forem revelados..."*. A coisa mais linda do mundo é juramento de médico! Para depois deixarem o sujeito morrer, como se vê na televisão? Não...Comigo não!

André — Você está comentando o fato de que você fez parte da Comissão Técnica de Orientação Sindical em 56...

Themístocles — Fui o presidente. Foi nessa comissão que eu vi o que era o sindicalismo brasileiro, na época. Procuravam o ministro para pedir passagem, pedir ajuda de custo para ir sem viajar, sem coisa nenhuma, eu sei de tudo. E eu brequei muitos, eu aqui não dou!

André — Mas principalmente em 56 para 64 existiam também muitos movimentos sindicais. Como é que foi viver...

Themístocles — Tinha! Tinha movimento que derrubava ministro! Movimento que derrubava ministro!

André — O senhor fez parte de algum deles?
Themístocles — *(responde rápido, no susto)* Não, de quem, que derrubava? *(risos)* Eu participava era do lado ministro para ele não cair! Eu era auxiliar do ministro, era o contrário! Uma vez — me lembro como se fosse hoje, a greve dos marítimos foi uma das mais perigosas — eu vinha da pelada, do Forte de Duque de Caxias, ali no começo de Copacabana. Eu fiz um time, a gente da comissão, e a gente ia bater uma bola lá. Meio-dia, dia de sábado, eu vou saindo no carrinho e o carro do ministro atrás de mim. Pá, pá, pá, pá. "O que é que está havendo?". O Cajueiro, que era até meu compadre, era o motorista do ministro. "O senhor ministro tá lhe chamando, ele tá no gabinete". Eu digo: "Uai, tá bom". Nem tomei banho, botei a roupa e fui bater no gabinete. Saí de lá, no dia seguinte, às quatro da tarde. Uma reunião com o *(sindicato dos)* marítimos. Pura chantagem. Por quê? O vice do Juscelino era o Jango. Foi por isso que o Jango caiu. Porque se deixou dominar por CGT *(Central Geral dos Trabalhadores)*, PUA *(Pacto de Unidade e Ação)*, essa é que é a realidade, eu digo isso porque eu vi, sou testemunha de tudo. O Jango não tinha nada de comunista, não sabia nem o que diabo era comunismo, mas gostava do poder e pensava que aquela turma o levaria para o poder. Foi exatamente o que o tirou do poder. Foi, exatamente. Em 64, rebelião na Marinha. O Presidente da República tem o título de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas. O Jango, em uma reunião de sargento: "Senhores sargentos...". Tem sentido? Tem sentido se quebrar a hierarquia? A disciplina militar é um dogma. Militar sem disciplina e hierarquia não existe! Seja o que for, não existe. É Polícia, é Marinha, seja lá o que for. Presidente da República se dirigindo a sargento... Resultado: houve um sargento Garcia que quis ser candidato. O Tribunal Eleitoral, outro poder, negou o registro da candidatura *(a Constituição de 1946 proibia a candidatura de soldados, marinheiros e sargentos. Antônio Garcia Filho foi eleito deputado federal pela Guanabara, na le-*



Rodolfo e Rafael reagiram incrédulos. "Mais do que isso?". A proposta precisou ser esclarecida. "Não, é correr mesmo". Pelo visto, os dois não corriam desde a infância.

E lá se foram os mancebos voando baixo pelas ruas da Aldeota. Rodolfo e Rafael foram reprovados no teste de resistência física. Uma vergonha para a juventude.

Chegamos à Associação e Themístocles já havia saído. Esbaforidos, fomos gentilmente recebidos por Mozart Lima e pelo senhor Linhares, que ofereceram água imediatamente.

Depois de alguns minutos de conversa amistosa, surge diante de nós uma lenda viva da política cearense: o deputado federal Mauro Benevides.

genda do Partido Trabalhista Brasileiro, em 1962. Único sargento eleito e empossado, participou da luta de seus colegas de farda para garantirem os mandatos dos demais sargentos eleitos e que tinham sido cassados pelos tribunais regionais eleitorais. Em setembro de 1963, o Supremo Tribunal Federal votou contra a elegibilidade dos sargentos). Os sargentos se sublevaram no Brasil e o Jango ficou do lado dos sargentos. Sim senhor! Marinheiro, comandante (Cândido) Aragão, que era o comandante dos fuzileiros navais, vamos dizer que corresponde à Infantaria no Exército. Se sublevaram, se revoltaram! Marinheiro! O Jango ficou do lado deles e demitiu o ministro da Marinha. Isso eu tenho aqui (faz gesto de papelada), está nos jornais, tudinho. No dia que vocês quiserem eu trago para vocês lerem. Não era possível! "Ai, (ironiza) o AI-5 (Ato Institucional Nº 5), a ditadura". Que nada! O pessoal que fala em ditadura, o pessoal de esquerda, ainda hoje, o PT, a esquerda, não quer que revogue a medida da ditadura que criou a Consolidação das Leis do Trabalho, do Getúlio, em 43. Um ditador. Ali, sim, era ditador, o único ditador do Brasil! Getúlio. Não tinha Congresso, não tinha nada, era ele só, que criou a Consolidação das Leis do Trabalho. Essa que o PT, que só fala de ditadura, em combater ditadura, não quer que acabe.

Muito, muito da legislação trabalhista é ditadura de Getúlio. Sim senhor! O seu Jango, pensando que – o general (Amaury) Kruehl (ministro da Guerra durante o governo do presidente João Goulart), comandante do II Exército, ligou para ele, que era compadre dele: "Presidente, abandone esses sindicatos, confie nas Forças Armadas". Aí sabe o que ele respondeu? "Não posso abandonar, essa turma é meu quinto exército". Naquela época existiam quatro exércitos, depois foi que criaram o da Amazônia. "Não posso abandonar, essa turma é meu quinto exército". Táí. O Márcio Moreira Alves, o

"Se aprende jornalismo é na redação. A escola não tem nem condições de mostrar o que é jornalismo"

Perguntando pelo futuro de Renan Calheiros que seria julgado em plenário na semana seguinte, ele duvidou da cassação. Dito e feito.

AI-5, sabe por quê? Um rapazinho, pai rico, dono do hotel Ambassador no Rio de Janeiro, Márcio Moreira Alves, faz um discurso na Câmara dos Deputados chamando o Exército de "valhacouto de gangster". Valhacouto de gangster! O que é que faz o comandante militar? Cumpriram a Constituição. Foi o que os ministros militares fizeram. Pois bem, então fizeram um carnaval, Mário Covas, foi governador de São Paulo e era o líder do MDB (Movimento Democrático Brasileiro, oposição à Aliança Renovadora Nacional – Arena, durante o regime militar) na hora, fez um carnaval e a Câmara rejeitou o pedido de licença para processar. Os militares não pediram cassação! É mentira, e nem podia pedir porque não tinha como. Se tivesse que cassar, quem cassava era o Supremo, como cassaram o Collor (Fernando Collor de Mello, presidente de 1990 a 1992). O Supremo era que ia decidir. A Câmara tinha que dar licença, como ainda hoje a Câmara tem que dar licença para processar um deputado.

Diana – Senhor Themístocles...

Themístocles — Então quando negaram, os comandos militares se reuniram e disseram: "Não tem condição de manter a ordem, tem que ter um instrumento mais forte". Então veio o AI-5. Que não foi ditadura! Não mexeu com o Supremo Tribunal. Não mexeu no Congresso. Cassou político, como cassava um ou outro, mas fechar o Congresso, não. Diga, minha filha.

Diana – Voltando um pouco sobre a sua profissão de jornalista. Tem alguma matéria, algum momento na sua carreira que o senhor se orgulhe bastante do seu trabalho? Algum momento em particular, alguma produção?

Themístocles — Não.

Diana – Nenhum que o senhor acha que merece...

Gabriela – Alguma coisa que marcou na sua profissão como jornalista?

Themístocles — Não. Primeiro, eu nunca fui, vamos dizer, de aventura... Fui profissional, trabalhando e galgando todos os postos, sem pedir a ninguém. Sem pedir a ninguém. Até aqui, quando eu inventei a candidatura de Parsifal, o sogro dele, que era o Chico Monte (líder político da zona norte do Ceará, foi deputado federal), não queria nem ouvir falar. Eu que fiz a briga da UDN com o PSD aqui, da UDN com o PTB. Inventei a candidatura do Parsifal, lancei, deu certo e coisa e tal, pá, pá, pá, pá, pá. Fui deputado estadual, fui deputado federal. O único político na família fui eu. Na primeira vez em que eu fui deputado nem meu sogro votou em mim, já tava comprometido (risos) com outro lá. Eu disse: "Pode votar, não tem problema, não". Eu sei, e nem isso me envaidece.

Diana – Ouvindo o senhor falar assim faz parecer que não era seu sonho ser um jornalista, o senhor não planejava ser jornalista...

Themístocles – Não pensava em ser, não. Eu pensava em ser médico.

Diana – O que aconteceu no meio do caminho que o senhor não tentou...

Themístocles – Não, porque eu queria emprego e o primeiro que encontrei foi no jornal (*risos da turma*). Honestamente. Eu queria um emprego para ajudar...

Diana – Mas depois que o senhor se estabilizou financeiramente, nunca pensou em retomar o seu sonho de ser médico?

Themístocles – Pensei e ainda hoje penso. Agora um médico (que nem eu) entrar na faculdade ia sair com cem anos, não dá (ri).

Gabriela – Por que o senhor fez a faculdade de Direito?

Themístocles – Porque é aquela mais compatível, que mais afinidade tem com o jornalismo. Eu não podia mais sair do jornal, o jornal grudou em mim de tal maneira que... Quando eu me formei ainda pus banca de advogado no edifício Sul América (*centro de Fortaleza*), foi quando veio o Al-5, eu era deputado. Que tirou muita vantagem do deputado, sessão extraordinária, é coisa que toda Assembléia faz, né? (*Themístocles vê sua foto no roteiro do Rodolfo*. “Olha a minha cara aí”) Tinha dia da gente fazer 10, 12 sessões extraordinárias. O próprio regimento era culpado. O governador passava uma mensagem, a mensagem tinha que ser lida numa sessão extraordinária e numa sessão extraordinária o deputado ganhava. Veio a revolução e acabou com tudo. Então eu botei o escritório no edifício Sul América, ganhei dinheiro, mas aí eu vi que não tinha... Não era muito do meu jeito, não. Muita paciência, ter que... Aquela morosidade, processo na mão da Justiça, aquele negócio todo, aí eu digo: “Não”. Deixei, fui cuidar da minha vida.

Rodolfo – E como foi voltar ao Ceará para ser diretor do jornal O Estado?

Themístocles – Não, foi nada, eu vim pelo Parsifal. Foi em 61. Nós derrotamos o Virgílio (*Távora, ex-senador e ex-governador do Ceará*). Aliás, quem derrotou o Virgílio foi o slogan. Eu escrevia do Rio, escrevia nos Associados, no Correio e no Unitário. Eu recebi uma carta de Quixadá, de Quixeramobim, por aí, alguém dizendo que o pai do Virgílio, quando foi interventor, extinguiu vários municípios, inclusive esse município de onde o cabra me escreveu, e terminava dizendo: “É por isso que meu avô já dizia que havendo outro não votasse em Távora”, uma coisa assim. Aí eu fiz referência à carta e botei isso no meio sem

nenhuma pretensão. A Gazeta nessa época era dirigida aqui pelo Zé Pessoa de Araújo, ligado ao Virgílio. E quando saiu a coluna, a Gazeta, no dia seguinte, sentou o cacete em mim. “Puxa saco, diabo”, aquele negócio todo. Mas aí eu disse: “Ah, o negócio serviu”. Se tivesse ficado calado, eu tinha ficado calado também, não tinha repercussão nenhuma... Pela reação do jornal, quer dizer, dos virgilistas, atingiu... Quando eu cheguei aqui para a campanha, não tinha televisão, não tinha nada. A campanha eu fiz sozinho. Eu sozinho.

Rodolfo – Como foi essa campanha, foi muito ferrenha?

Themístocles – Ave Maria, com dois polícias do lado, rapaz. Ora, ameaça de morte! Pois bem, então eu cheguei lá na casa do Parsifal, meu gabinete era a primeira sala da casa dele. Quando eu desço no aeroporto – Murilo Borges já era secretário de polícia – dois agentes se apresentam para mim: “O secretário mandou representar o senhor”. Liguei para ele. “Coronel, o que está havendo?”. (*Imita o coronel*) “Themístocles, sua campanha está muito forte”, não sei o que e tal. “Ah, a campanha começou a criar um clima...”. Eu disse: “Bom, se o secretário me manda segurança, é porque ele tá sabendo de alguma coisa”. Tinha era aposta para quem me dava a primeira surra aqui. Abílio Valdão, que era agente de polícia...

Rodolfo – Então foi pesada a campanha?

Themístocles – Então eu vim para cá, fiz a campanha. Eu chamei o João Ramos (*jornalista e radialista, falecido*), da PRE-9 (*prefixo da Ceará Rádio Clube, fundada em 1934*), com aquela voz dele, dei a ele como é que era o negócio, com aquela voz cavernosa, “meu bisavô já dizia...”. A carta dizia “meu avô”, mas eu antecipei pelo tempo e botei meu bisavô. “Meu bisavô já dizia: havendo outro, não vote em Távora”. Então tava a música toda bonita, com fundo musical bem fúnebre, e a voz cavernosa. Rapaz... A mulher do Virgílio morreu sem falar comigo por causa disso (*ri*), o próprio Virgílio também. Quinze dias antes da eleição eu escrevi um artigo na primeira página do Correio do Ceará. “Se o Parsifal não ganhar com mais de 30 mil votos, darei um pulo de cabeça para baixo da Coluna da Hora” (*a Coluna da Hora fica na Praça do Ferreira, centro de Fortaleza*). Tá aqui que eu dava! Mas ganhou com 32 só para eu não pular, pronto. Eu fiz um comício em Maranguape (*município da região metropolitana de Fortaleza*), não sei quem foi, eu sei que foi tiro lá como o diabo, caiu o palanque, mas felizmente escapei. Eu voltei, me botaram no avião para ir para o Rio de Janeiro. Tava no gabinete quando

Mauro Benevides também demonstrou, digamos, uma certa vontade de ser entrevistado.

Com o prazo para a entrevista estourando e sabendo o endereço certo, resolvemos ir à Associação sem avisar, num gesto de desespero.

Felizmente Themístocles estava, mas o clima pesou com a primeira frase dele. “Eu não marquei com vocês aqui, não!”. Rodolfo já se tremia. Bruno ficou gago.

Foi apenas uma primeira impressão. Ele se mostrou sereno e zombeteiro. “Professor Salgado? Não conheço nem o insosso, quanto mais o salgado”.

A proposta da entrevista é não ser factual, senhor Themístocles. "Factual? Esse negócio de factual tá na moda, né?"

Para a decepção do trio, a pré-entrevista durou menos de 20 minutos. Ele, curiosamente, rejeitou um exemplar da Revista Entrevista com o argumento de que já sabia o que ia dizer.

chega o Valdão. Um soldado véi me avisa: "O inspetor Valdão quer falar com o senhor". Era esse que prometia me dar uma surra na Praça do Ferreira. Aí eu digo: "Bom, se prometeu dar a surra, deve ser agora, né? Eu disse: "Manda entrar". Todo alegre, coitado, todo alegre pedindo duas bolsas de estudo. Eu disse: "Leve mais duas, tome quatro". E ficou meu amigo, o desgraçado.

Isabelle – Essa campanha que o senhor fez no Correio do Ceará e no Unitário, a favor da campanha do Parsifal...

Themístocles – (*interrompe*) Não, pelo seguinte, o Virgílio queria ser nomeado. Queria estar juntando os partidos tudim, já tinha prometido ao Parsifal quando depois do Virgílio aí seria o Parsifal. Ora, o Parsifal ministro de Estado, não seria nunca da outra vez, nunca, tem que se aproveitar é essa e na verdade foi o que... Foi a chance... Não seria nunca. Primeiro o Parsifal era um péssimo político, era um grande professor, um grande cidadão. O político era o sogro dele, o Chico Mota, mandou na zona norte 200 anos, esse sim, mas estava atrelado ao Virgílio. Primeiro foi preciso fazer o rompimento dos dois. Aí saiu da UDN, entrou o PSD, Valdemar Alcântara, pai do Lúcio, conversei muito com ele, vinha aqui pro Ceará várias vezes, fiz e juntei a coisa toda.

Isabelle – Mas isso para o jornalismo, essa campanha aberta que o senhor fez nesses dois veículos, o senhor acha que isso é saudável para o jornalismo?

Themístocles – Não, aí não foi o jornalista que agiu.

Isabelle – Foi o político que agiu?

Themístocles – Foi o político. O médico não aproveita o anel dele para dar remédio, distribuir e ter voto? Eu aproveitei o jornalismo. Qualquer um faria. Olha aí o Carlos Lacerda (*foi jornalista, deputado e governador no Rio de Janeiro nos anos 50 e 60 do século passado*). O jornalismo botou ele no governo, deputado, tudo. Você usa as armas que dispõe no momento.

Isabelle – Quer dizer que o Themístocles político depende muito do Themístocles jornalista, então?

Themístocles – Não, eu sempre juntei as duas coisas. Para ser franco, politicamente eu sou é ruim, não sou bom político, não.

Isabelle – E jornalista?

Themístocles – Bom, jornalista... Eu ganhei a vida até agora nessa função, né? Pelo menos razoavelmente eu desempenho a função. Mas (para) político nunca na verdade tive vocação. Por exemplo: o sujeito batia lá em casa seis horas. Eu dizia: "Lá vou atender ninguém, manda vir às nove". Lá vou acordar às seis horas? Pessoal do interior, estar com

10 pessoas dentro de casa, que cospem no chão... Tá louco? Não é comigo, não, nunca fui disso, não.

Gabriela – O senhor disse que fez a faculdade de Direito porque era a mais próxima do jornalismo, não foi?

Themístocles – Exato.

Gabriela – E agora que já existe uma faculdade de jornalismo, o que o senhor acha?

Themístocles – Eu acho e continuo pensando do mesmo jeito. Faculdade de jornalismo, com todo respeito, foi criação dos chamados cartolas da classe. Sabe o que é o cartola da classe? A Adísia Sá (*jornalista, primeira mulher a trabalhar na imprensa cearense e integrante do grupo fundador do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará*), quero muito bem a ela, (*tem*) mais de 50 anos de profissão – eu tenho 10 anos acima dela –, ela começou em 55 e eu comecei em 45. No Rio é a mesma coisa. Jornalismo não é coisa que... Primeiro, eu não sei, o sujeito vem ensinar jornalismo a mim? Não é que eu seja, não. Jornalismo é estilo, que ninguém ensina a ninguém – eu tenho o meu, você tem o seu – e saber escrever. Como você vai conseguir saber escrever? Tendo leitura. Leitura e estilo. Precisa de mais nada, nada! Porque os grandes jornalistas desse país nunca passaram nem na calçada de uma escola, que não existia. Paulo Bittencourt (*jornalista carioca, dirigiu o Correio da Manhã, um dos mais importantes jornais do Rio de Janeiro*), Costa Rego (*alagoano, redator-chefe do Correio da Manhã*), Assis Chateaubriand; aqui: Hildebrando Espínola, Geraldo Nobre, Paulo Sarasate, tem tantos...

Rafael Oliveira – E as técnicas são desnecessárias?

Themístocles – Não tem técnica, não, para escrever não precisa de técnica, precisa saber.

Rafael Oliveira – Para praticar jornalismo então não precisa de nenhuma técnica?

Themístocles – Não, precisa não. Se aprende jornalismo é na redação, escola não. A escola não tem nem condições de mostrar o que é jornalismo. A parte técnica, por exemplo... Eu me considero porque eu comecei na cozinha, quem fazia o jornal era o chamado cozinheiro. Hoje tem editor disso, diretor de núcleo, esse negócio não entra na minha cabeça. No meu tempo era redator-chefe dos setores, polícia, política, pá, pá, pá, pá, pá. É isso.

Lorena – E como o senhor classifica o atual estágio da mídia brasileira? Como o senhor vê essa mídia de escola?

Themístocles – É o seguinte: eu duvido que o sujeito bote um anel de jornalismo

Naquela tarde, Themístocles vinha do médico. Trazia no bolso uma prescrição médica que preenchia toda a folha. Reclamava como um avô para os seus netos.

no dedo e o grande jornal contrate no dia seguinte, eu duvido. Não vai nunca. Tem que fazer um estágio, o Estado de São Paulo faz, a Folha de São Paulo faz. Agora é que ele vai cuidar do jornalismo. Acontece com o Direito também. Tem gente que bota o anel de advogado que não sabe nem fazer uma petição inicial, que é o instrumento através do qual se entra em juízo. A petição inicial, não sabe! Eu tenho cópia de petição inicial de advogado, "fulano de tal baixarel", (soletra) B-A-I-X-A, "baixarel". Agora, tudo recente, noticiário de hoje ou de ontem. Oitenta por cento do exame da OAB, todo mundo reprovado. Tem faculdade de Direito que não passou um. Oitenta advogados, não passou um, tudo analfabeto.

Hébely – Mas como o senhor avalia os profissionais que estão aí? Como vê essa mídia hoje?

Themístocles – A mídia? Eu acho muito fraca.

Lorena – Por que, quais os aspectos que o senhor acha que deixam a desejar na mídia atual?

Themístocles – Aí é só a gente ver o jornal. Não, tem, dentro de cada redação aquele bom profissional. Eu não sei se tem alguém que saiu de faculdade, da universidade, doutor em jornalismo, no comando do jornal, não sei.

Rafael – O senhor fala muito a questão do jornal impresso. E avaliando a mídia de maneira geral, rádio, televisão e até o próprio advento da internet...

Themístocles – Não, a televisão é diferente. Quem ganha a mídia, quem ganha o prestígio é aquela mocinha bonitinha que está lendo ali, mas o cara que escreveu não aparece. Ela está ali, (mas) ela não escreveu nada. A redação de uma televisão não aparece, não. Aquele leitor, Cid num sei o quê (Cid Moreira, locutor da Rede Globo, antigo apresentador do Jornal Nacional), é pá, pá, pá, pá, pá, pá, pá, pá, aquele vozeirão (imita voz grave) "coisa e tal", aquele casal (refere-se ao casal William Bonner e Fátima Bernardes, do Jornal Nacional), aquilo só faz ler. Vá atrás, vá atrás que não é de escola. E se foi, a escola dele foi a redação. Doutor, não adianta. É igual a médico. O médico passa seis anos numa faculdade de medicina. Ele não é doido pra abrir um consultório, porque ele não sabe nem medir a pressão do sujeito. Tem que ser a prática. Toda atividade, principalmente jornalismo. A cada instante tem novidade no jornalismo. É uma profissão fascinante, principalmente o repórter. O cozinheiro não, o cozinheiro é um trabalho praticamente mecânico, que é o secretário do jornal. Agora a televisão e o rádio, princi-

palmente o rádio, atualmente, pelo amor de Deus, a baixaria e o desrespeito... Não é nem à gramática, não, desrespeito à sociedade, rapaz, pelo amor de Deus.

Hébely – Então o senhor avalia como negativa a atuação da imprensa, da mídia...

Themístocles – Não, negativa não. Tem a sua parte negativa. Vou citar exemplo, até abordei isso no jornal. Uma novela aí, Paraíso Tropical (exibida em 2007 pela Globo no horário das oito), os autores se reuniram, a audiência tava baixa, tinha um assassinato na novela, "então vamos aumentar", ao invés de um assassinato, botar dois, pra aumentar a audiência. Isso não é jornalismo.

Hébely – Mas nesse caso é novela.

Themístocles – Num ambiente como esse (em que) você não tem segurança nem em casa... Fortaleza tá num ponto que você não tem segurança nem em casa, quanto mais o Rio de Janeiro. A novela, uma audiência de setenta por cento da audiência de televisão, (com) crime, assassinato, pelo amor de Deus, rapaz! Esse problema de sexo. Você vê agora a prefeitura, uma revista patrocinada pela prefeitura (a revista Farol é uma publicação bimestral da prefeitura de Fortaleza produzida pela Fundação de Cultura, Esporte e Turismo — Funcet. Themístocles se refere à polêmica causada pela terceira edição da revista, que trouxe uma fotografia de um ato sexual), vocês devem saber o que ocorreu. Tenha paciência. Isso é jornalismo? Para mim não, isso é canalhice, isso não é jornalismo. O sujeito que fez isso não é um jornalista. Ele pode ter o anel, pode ter o sindicato dele, mas isso é canalhice, não é jornalismo, não.

André – Então para você o que é jornalismo? Em que se fundamenta a prática jornalística?

Themístocles – A função do jornalista é informar e comentar de acordo com a orientação do jornal, porque pode ser um jornal católico, pode ser um jornal de esquerda, pode ser um jornal de direita. Mas acima de tudo tem que ter ética, que é o que tá faltando neste país, principalmente na vida pública. E tá aí, você tá vendo o Congresso

"Reacionário é aquele que reage. Eu reajo contra a demagogia de esquerda. Eu acho que estou certo"

O impacto psicológico do primeiro encontro pessoal foi forte. Bruno observou que Rodolfo, que se diz preto, estava branco.

Entrevista marcada. Ele se despediu de nós com deboche. "Futuros colegas, futuros sofredores. Vocês vão ser lisos!".

Não, não seria na data agendada. Outras idas ao médico adiaram a entrevista mais duas vezes. Nesse meio tempo, a produção parecia assolada pela frustração.

Para aumentar a tensão, um membro da equipe de produção, Rafael, adoeceu dois dias antes da entrevista marcada. Felizmente, se recuperou a tempo.

No grande dia, Themístocles chegou com meia hora de antecedência ao auditório da Associação dos Ex-Deputados do Estado do Ceará, local da entrevista. Como sempre, usava roupas claras e alinhadas.

A entrevista se conduzia de forma tranqüila. Themístocles apenas se exaltava quando o assunto era política, ocasião em que gesticulava muito.

Momentos antes da entrevista, Themístocles se incomodou com um súbito silêncio no auditório e ironicamente comentou: "Tá boa a conversa, né?"

Nacional, nunca ouvi falar que um procurador da República denunciasse 40 figuras de uma só vez, inclusive três ex-ministros de Estado (*refere-se à mesada paga pelo governo Lula a deputados da base aliada, em troca de apoio político. O "mensalão", como passou a ser chamado popularmente, foi denunciado em agosto de 2005 pelo então deputado federal Roberto Jefferson, do Partido Trabalhista Brasileiro do Rio de Janeiro*). Tá aí a manchete, pode pegar. Hoje, ontem e amanhã você verá o governo comprando deputado para passar a CPMF (Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira). É isso que é democrático? Eu acho que não. Não é democracia comprar deputado.

Rodolfo – Eu andei conversando com alguns jornalistas que elogiam o artigo que o senhor escreve para o jornal O Povo porque é conciso, a linguagem é simples, é direto, como não se vê mais por aí hoje em dia, um bom artigo de se ler. E é lido por várias faixas etárias, meu pai lê, meu avô lê, eu leio. Como o senhor avalia o seu trabalho nesse aspecto, de alcançar pessoas de várias faixas etárias?

Themístocles – É o jornalismo que eu sei fazer. Eu acho que estou certo, não estou? Você mesmo acabou de dizer. Pelo que você disse o velho me lê, o novo me lê, pá, pá, pá, pá... Às vezes você pega um artigo aí, cita fulano, cita... O sujeito acha que citando o que é dos outros vai demonstrar o quê? Cultura? Não. Eu dificilmente cito. Eu tenho uma boa biblioteca, já li muito, ainda hoje leio, quando a doença da minha mulher permite estou em casa lendo. Mas por que eu vou citar fulano se eu tenho minha opinião? Se eu cito a sua opinião é porque eu não tenho a minha. Por que eu vou citar a sua? Se eu estou usando um assunto, por exemplo, questão de ética, eu sei o que é ética, por que eu vou citar o Bruno (*um dos alunos que participam da entrevista*) em matéria de ética, se eu também entendo de ética, tenho o meu ponto de vista sobre ética, não é verdade?

Um camarada que escreve muito bem, sem ser habilitado, Coronel Jarbas Passarinho (*Jarbas Gonçalves Passarinho, acreano, foi senador, governador do Pará e ministro em três governos do regime militar: do Trabalho, durante a gestão de Arthur Costa e Silva (1967-69); da Educação, na gestão de Emílio Garrastazu Médici (1969-74); e da Previdência Social, na gestão de João Figueiredo (1979-85)*). Foi também ministro da Justiça durante a gestão de Fernando Collor de Melo, de 1990 a 1992), ele escreve no Estado de São Paulo, ele tem essa mania. Mania não, é o hábito. Você pega um artigo dele e tem 10, 12 citações, muitos eu nem conheço. Quer dizer, ele tem muita leitura – e eu naturalmente não tenho a leitura dele –, mas não gosto. Quem vai expor o assunto sou eu e então quem está falando é o Themístocles e acabou. Eu posso, em socorro do meu argumento, citar A ou B. Eu gosto de citar, geralmente, a fonte, principalmente quando eu acuso.

Bruno – O senhor sabe obviamente que os seus artigos são muito criticados pelas pessoas de esquerda que lêem O Povo.

Themístocles – Graças a Deus. Se me aplaudirem, eu não escrevo.

Bruno – O senhor talvez seja o campeão de reclamações de cartas de leitores.

Themístocles – Sei.

Hébely – Inclusive a Adísia Sá chegou a dizer que quando ela era Ombudsman do O Povo as duas maiores fontes de reclamação dos leitores eram as colunas sociais e os artigos que o senhor escrevia.

Themístocles – A Adísia? A Adísia (*rindo*) brigou comigo uns dez anos na rádio (*no Programa Debates do Povo, da Rádio O Povo/CBN, apresentado por Nazareno Albuquerque*).

Bruno – Muitas pessoas consideram o senhor um monstro, nazista.

Rodolfo – Principalmente quando o senhor toca em questões como homossexualismo, política, governo Lula, nazismo, a questão da ética na TV...

Bruno chegou ligeiramente atrasado para a entrevista e se ajeitou rapidamente. Themístocles reclamou suavemente. "Você chega e nem me dá boa tarde, rapaz?"

Enquanto Rafael apresentava os entrevistados, Themístocles brincava com os nomes. Gabriela: "Cravo e Canela". Hébely: "Febre? Hebe?". Rodolfo: "Valentino". Isabelle: "Italiana?". Lorena: "Nome bonito".



Themístocles – Homossexualismo. É normal homossexualismo? Homem com homem, mulher com mulher; não dá, doutor, não vai, não é da minha formação. E nem tem nada de sexo o homossexualismo. Você pode olhar. O instrumento que ele usa não faz parte do aparelho sexual, faz parte do aparelho intestinal. Começa por aberração por isso. A natureza fez dois seres, mulher e homem, e mandou reproduzir, não mandou homem casar com homem, é uma aberração. É uma deformação moral, primeiro do cara, ou “da cara”, sei lá o quê. Eu não aceito. Sobre ser nazista, mas por quê? Não sei nem que diabo é nazismo. Eu era menino quando terminou a guerra (*segunda guerra mundial*).

Eu sou contra o comunismo. O que é o comunismo? É o capitalismo de Estado. O Estado é mau gerente em tudo. Façam uma pesquisa. A situação de Saúde no Estado, situação da Educação no Estado. Vê o Liceu da democracia de hoje e vê o Liceu do meu tempo da ditadura do Getúlio. Professor ganhava igual ao desembargador. Hoje o professor ganha 800 reais, se depender do ganho, ele morre de fome. Por quê? Ter raiva de mim, por quê? Agora reprivatizar a Vale do Rio Doce, não tem essa daí? (*a Companhia Vale do Rio Doce foi privatizada em 1997, durante o primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso*) Você sabe por quê? Primeiro: a Vale do Rio Doce não tinha investimento, ninguém investia, não tinha dinheiro pra investir. Mais de cinquenta por cento dos empregados eram afilhados políticos. Quem comprou não foi ninguém A ou B, não, foram os fundos de pensão dos trabalhadores que compraram a Vale do Rio Doce. Demitiram metade da politicagem que tava lá, investiram, tá aí hoje, uma das maiores do mundo! Entrega ao Estado de novo para ver!

Bruno – O senhor então é favorável às privatizações?

Themístocles – (*enfático*) Cem por cento! Tá aí a CPMF, doutor. Se esse dinheiro tivesse entrado na saúde não tinha ninguém... A minha mulher. Eu sou da Unimed. Quando cheguei na Unimed, não tinha vaga. Eu pago o mais alto plano lá não sei de quê. Se não fosse o São Carlos (*hospital particular de Fortaleza*), que tem convênio, aquele negócio todo, eu não tinha onde botar minha mulher. Quer dizer, a coisa tá tão ruim no que é do Estado que o sujeito vende a alma para pagar um plano de saúde. Você leva teu pai para a assistência municipal? Tá louco? Se quebrar uma perna, quando chegar lá ele quebra a outra.

Rodolfo – O senhor de certa forma é um reacionário?

Themístocles – Reacionário é aquele que reage. Eu reajo. Eu reajo contra a demagogia

de esquerda. Eu acho que estou certo. Nunca me arrependi, nunca tive prejuízo pela minha posição, acho que sou coerente.

Rafael – Alguma vez o senhor já teve algum artigo censurado pelo jornal O Povo?

Themístocles – Já.

Rafael – Por quê?

Themístocles – Por Valdemar Menezes (*editor-sênior e editor-executivo do núcleo de Opinião do jornal O Povo*).

Rafael – Qual foi o motivo?

Themístocles – Não sei.

Rafael – O senhor nunca perguntou a ele?

Themístocles – Eu não.

Rodolfo – O senhor não faz a menor idéia?

Themístocles – Não. Outro dia, em um artigo do Renan Calheiros, eu botei a expressão “mulher de programa”. Ele censurou. No Povo tem caderno lá (*faz referência ao Buchicho*) que você encontra as coisas mais horrorosas, mas... Tirou o meu* (*ver a resposta de Valdemar Menezes no fim da entrevista*).

Hébely – Mas o senhor considera legítima essa censura?

Themístocles – Minha filha, é o seguinte: sobre a censura eu acho que ninguém é absoluto, ninguém é absoluto. No dia em que eu tiver um jornal e for dono dele, como fui do Estado, que eu não toquei no assunto, aí eu escrevo o que eu quero, mas se eu estou no jornal O Povo, o rapaz que me censurou tem, deve ter delegações de diretor. Eu não falei com o diretor, ainda mais num tempo desse que sei nem onde é que ele anda... Não quer publicar o artigo? Não tem problema, bota fora, já que eu fui censurado. Liberdade de imprensa tá na razão direta dos interesses do dono do jornal. Doutor Demócrito (*Dummar*) é dono do jornal O Povo, eu não tenho direito de pegar o jornal dele e fazer um artigo contra os interesses dele. E ele tem o direito de cortar o artigo, ou não tem?

Hébely – Mas e se o artigo ou a notícia tiver como principal objetivo informar? O senhor defende o jornalismo que informa.

Themístocles – Se informar contra os interesses da empresa, ou o dono da empresa, não sai.

Rodolfo – Mas o artigo do senhor geralmente destoa do resto do jornal. Tem até uma brincadeira que o senhor chega na redação...

Themístocles – A maioria lá é de esquerda.

Rodolfo – Exatamente. O senhor distribui bala na redação, o pessoal brinca dizendo que “é a direita alimentando a esquerda”. O senhor diz que foi censurado porque foi contra a linha editorial do jornal O Povo, mas o artigo do senhor é que destoa cotidianamente da linha editorial do jornal em muitos aspectos.

Ao ser avisado de que seria fotografado durante a entrevista, Themístocles brincou. “Capricha, hein? Eu não sou feio como a sua máquina vai mostrar, não”.

Ao ser apresentado ao professor Ronaldo Salgado, Themístocles indagou: “Professor, o senhor agüenta essa turma todo dia, é?”.

Quando todos os entrevistadores posicionaram os gravadores diante de Themístocles, ele fingiu espanto: “Parece um bombardeio”.

Em vários momentos da entrevista, os alunos se esforçaram para não rir das respostas espirituosas de Themístocles. Era impossível não gargalhar em alguns pontos.

Themístocles – É por isso que ele censurou.

Rodolfo – Sim, mas é comum o artigo do senhor ir contra o jornal O Povo.

Themístocles – Não, não é comum, não.

Rodolfo – Sim, mas as pessoas quando lêem o jornal notam logo que aquele artigo é diferente dos outros artigos.

Themístocles – Não, eu sou considerado, vamos logo para o português claro, eu sou considerado de direita.

Rodolfo – Exatamente.

Themístocles – Sei nem o que é direita. Para mim é negócio de futebol, ponta esquerda, ponta direita.

Hébely – Então por que o senhor acha...

Themístocles – Agora que eu sou um democrata, sou...

Bruno – Se o senhor fosse dono de um jornal...

Themístocles – ...Porque o democrata é um anti-esquerda natural.

Bruno – Se o senhor fosse dono de um jornal, empregaria um articulista de esquerda?

Themístocles — Você sabe quem foi o redator-chefe do Estado (*jornal cearense fundado em 1936*) quando eu fui dono do jornal? Odalves Lima. Comunista famoso (*alguns alunos riem, segurando a gargalhada*). Eu botei como redator-chefe. Eu saía da faculdade e passava lá. Tava tudo direitinho. Porque tem o comunista honesto, como o Odalves, (*que*) sabia a minha linha e não ia avançar o sinal.

Rodolfo — Certo.

Themístocles — Ele não ia avançar o sinal. Carlos D'Alge (*professor aposentado da UFC*) que foi meu chefe da redação, e por aí vai. Ora, eu também tenho amigo comunista, pô! Agora, eu não gosto é do baderneiro, aí não vai, aí não vai.

Hébely — Como é que o senhor...

Themístocles — Eu sou... Olha, existem 190, quase 200 nações no mundo. Só tem quatro comunistas.

Rodolfo — Albânia, Coréia do Norte...

Bruno — Cuba...

Themístocles — Cuba, e por aí. Diga uma coisa: se esse tal de regime fosse bom...

“Por que vou citar fulano se tenho minha opinião? Se cito a sua opinião é porque não tenho a minha”

O momento mais crítico da entrevista se deu quando Themístocles falou da doença da mulher. Seu comentário gerou um significativo silêncio.

Ao fim da conversa, ele se despediu gentil, mas rapidamente, dos entrevistadores. Precisava ir para casa cuidar da mulher.

Você viu alguém fugir de qualquer lugar para ir para Cuba? Não viu. Agora quantos saem de Cuba, para fugir? Inclusive aqui pro Brasil.

Bruno — O José Dirceu fugiu.

Themístocles — Que que tem?

Bruno — O José Dirceu fugiu daqui para ir para Cuba.

Themístocles — Não, mas por quê? Porque ele queria botar aqui o regime lá de Cuba, aqui não bota, não.

André — Senhor Themístocles, mas muitos médicos se formam em Cuba, Cuba não seria uma referência para a medicina...

Themístocles — (*interrompendo, enfático*) Não passou um! (*alguns alunos mal conseguem segurar a risada*) Como é que é referência se o chefe lá tá para morrer e mandam buscar um médico da Espanha? Porque a nata da medicina de Cuba é que tem que cuidar de Fidel Castro. Cuidaram tão bem que tiveram que importar um médico lá de Madri. Quando o médico chegou, disse: “Não, não é isso não, é outra coisa”, e o homem escapou. Que medicina é essa? Existe uma lei no Brasil que qualquer um, inclusive brasileiros, nós, se se formar lá fora, tem que fazer aqui a chamada revalidação do diploma (*exame promovido pelo Conselho Federal de Medicina, seguindo a resolução 1669 de 2003*). É um teste. Até hoje não passou um de Cuba (*dá de ombros, encara a turma com ar de indagação*). Tem um que tá dando injeção em Sobral, que deu uma entrevista dizendo que Cuba é o melhor regime do mundo. Por que é que ele não ficou lá? O médico ganha 20 reais lá, 20 dólares, por mês, não sei quanto é... Um país caindo aos pedaços! Um país caindo aos pedaços. É o pior, vocês não sabem porque são jovens, Fidel Castro nunca disse que era comunista, nem nunca prometeu comunismo coisa nenhuma. Quando ele tomou posse, começo de janeiro de 59, foi bater nos Estados Unidos. Três meses depois. Foi recebido pelo vice-presidente (*Richard*) Nixon, porque o presidente era o Eisenhower (*Dwight David Eisenhower, presidente de 1953 a 1961*) e o Eisenhower não queria recebê-lo. Não sei o que ele queria, que os Estados Unidos não deram. O que é que ele faz? Chega em Cuba, desapropria tudo que é de americano e do governo americano. Tomou tudo, não pagou nada, tomou. Daí o embargo. Por que os Estados Unidos iam continuar normais com um sujeito que tomou tudo deles? Aí não dá.

Antes da queda do muro de Berlim, ele tinha uma pensão de quatro bilhões de dólares por ano, o Fidel Castro. Caiu o negócio lá na Rússia, acabou o jantar dele. Está caindo aos pedaços, Cuba não tem mais

ajuda de nada. Agora tá se valendo desse gaiato aí, o (Hugo) Chávez da Venezuela, que ninguém sabe o que esse filho duma égua quer. Ele quer ser o Fidel Castro da região, porque o Fidel Castro tá para morrer, né?

Rodolfo — Eu percebi nos seus artigos ultimamente que o senhor é um crítico mordaz da política externa do governo Lula, certo? O senhor critica, por exemplo, a aproximação dele com alguns setores da esquerda da América Latina, tipo Hugo Chávez, Evo Morales...

Themístocles — A esquerda não bota ninguém pra frente.

Rodolfo — Mas o Lula também se aproxima do Bush, por exemplo. Ele é bem-vindo nos Estados Unidos. Então como é que o senhor explica esse paradoxo entre...

Themístocles — Nos Estados Unidos ele passa é como gaiato.

Rodolfo — O senhor acha?

Themístocles — Ora, pelo amor de Deus. Dizem até que na Noruega houve uma gafe danada, quando encostaram a carruagem... Que era para ele puxar o burro, ele se montou no negócio lá com a rainha. O burro era para ele puxar (*Themístocles se refere à visita do presidente Lula à Noruega, em setembro de 2007. A produção não encontrou registro noticioso da suposta gafe da carruagem*). Quem é que leva a sério o Lula como presidente da República, me diz? Uma nação como este país, nação jovem, potencialidade imensa, o Brasil tem petróleo, tem minério, tem tudo, e o presidente, um torneiro mecânico? Paciência. Você vai tirar carteira de motorista, passa uma papelada, passa uma semana para poder tirar uma carteira de motorista. Para ser presidente da República brasileira, não precisa nada (*indignado*). Tenha paciência!

Isabelle — Senhor Themístocles, a gente sabe que essas reflexões que o senhor tem são frutos dessa vida política, dessa carreira jornalística que o senhor fomentou, né?

Themístocles — É a realidade do que eu vejo. No dia em que eu vir um país comunista progressista, quer dizer, progredindo... Você vê a própria China. Ela é comunista do lado político. É uma economia de mercado como outra qualquer, está se sobressaindo por causa disso. Coréia do Norte? A diferença da Coréia do Sul? A renda per capita, vê lá quanto é. É a realidade, é a realidade. Veja: o próprio Lula, se não muda, não tinha tomado posse (*bate três vezes na cadeira*). A política do Lula era o quê? Era socialismo, pá, pá, pá, pá, pá... Vêm as eleições, pá, pá, pá, ele vence, aí começam a vir no ouvido dele: "Compadre...". E vai virando, vai virando. O que tem de socialismo no governo Lula?

Nada. Ele deu emprego a uma quadrilha de sindicalistas. Aliás, tem várias quadrilhas aí com política, tem a da Funasa (*Fundação Nacional da Saúde*), tem as das ONGs (*Organizações Não-Governamentais*) governamentais... Não-governamentais, mas vivem do governo, sempre a mesma coisa. Ainda tem quadrilha como o diabo aí, tomem nota. Tem nada de socialismo. (*Lula é um bon vivant, passeando para lá e para cá. Comprou logo um avião de saída. Toda ambição de governo é economizar; ele começou gastando com avião bom, aquele negócio todo. Cachacinha na Granja do Torto, para ele é o ideal. Sujeito com mentalidade de torneiro mecânico sendo presidente da República. Tem ninguém igual a ele; (irritado) ele é só, só ele!*)

Rodolfo — Mas ele vai sair em 2010, né?

Themístocles — Ele não tem vontade, não; por ele, passava o tempo todo, comprando deputado. Do jeito que é fácil comprar...

Hébely — Sobre isso, seu Themístocles...

Themístocles — Isso é democracia (*irritado*), comprar deputado? (*falando baixo*) Minha Nossa Senhora... (*volta ao tom normal*) Dez mil vezes a ditadura do Getúlio!

Bruno — Senhor Themístocles, deixa só eu emendar, já que o senhor falou do Getúlio. O senhor viveu o governo do Getúlio e tá vivendo esse do Lula. O Lula se comparou recentemente ao Getúlio Vargas. O que o senhor acha?

Themístocles — É comparar estrume com caviar (*alguns alunos riem*). Sabe o que é estrume?

Bruno — Sim, sei.

Themístocles — Pois é, com caviar. Não tem comparação de nada. É um idiota. "A minha mãe nasceu analfabeta". Alguém nasce com anel no dedo? Isso é coisa do Lula, rapaz; (*ao ver os alunos rindo, continua*) alguém nasce com anel no dedo? Eu não sei. "Minha mãe nasceu analfabeta". Vigarista! Por que o filho dele é sócio da Tele (*ele quis dizer Telemar*) com cinco milhões? (*Referência a Fábio Luis Lula da Silva, filho do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, sócio da empresa Gamecorp, que recebeu, em 2005, investimento de R\$ 5 milhões da empresa de telefonia Telemar*) Por quê? O pobre do Renan Calheiros, que é um safadão também, porque a construtora pagou... Aquele diretor do Sebrae não pagou a conta do Lula também? (*Paulo Okamoto, presidente do Sebrae - Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa - pagou uma dívida de R\$ 29,4 mil do presidente Lula com o PT*). Vai lá, pega para você ver. Agora, a oposição é incompetente, é por isso que o Lula é presidente.

Isabelle — O senhor gosta muito de falar do governo Lula, né? E está falando aí

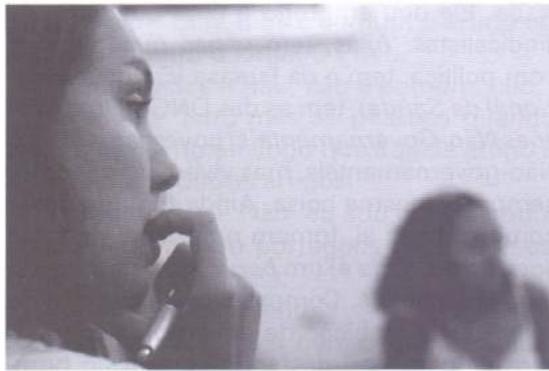
Na saída, todos os funcionários da associação já estavam em pé, esperando o fim da entrevista para ir embora.

Ao sair do auditório, Themístocles se justificou com o presidente da associação, Mozart Lima: "A culpa é deles, viu?".

A produção saiu da entrevista com a sensação de dever cumprido, mas nem imaginava o grande trabalho que vinha pela frente: edição final.

Nos momentos mais difíceis, Bruno recomendava Rodolfo a ouvir um pouco de Bob Dylan para relaxar. Rodolfo seguiu a dica.

Os e-mails dramáticos e cheios de entusiasmo de Rafael incentivaram os produtores nos momentos finais. "Vamos dar o gás, galeral!". Muitas risadas em frente ao computador.



sobre apadrinhamento, enfim. Vou pegar um exemplo do senhor. O senhor foi acusado em alguns textos do jornal *O Povo* de ter apelado para o apadrinhamento na época do Parsifal Barroso e, mais recentemente, Adauto Bezerra. O senhor acha que houve essa espécie de apadrinhamento?

Themístocles — Minha filha, eu não era nem político, eu era um jornalista quando o governador me convidou para (ser) secretário particular dele. Não empreguei ninguém. Minha mulher não conhece o palácio do governo. Eu passei 11 anos na Assembléia e minha mulher nunca entrou na Assembléia. (enfático) Nunca!

André — Mas você entrou na política por qual motivo?

Themístocles — (Impaciente) Porque o governador me convidou para ser o secretário dele. Eu fui candidato, fui o terceiro votado em Fortaleza em 1958. Aí o governador me chamou para o palácio. Quando deixei de ser secretário, fui secretário do governo e secretário de agricultura ao mesmo tempo, tinha que deixar o cargo para poder ser candidato, então eu assumi na Assembléia. Passei meus nove meses até pegar o outro mandato e tal e tudo isso. Porque eu tava com o mandato, aí (bate as mãos, sugerindo irrelevância)... Nunca tive apadrinhamento. Nunca.

André — Senhor Themístocles, em 1964, você foi o porta-voz dos revolucionários...

Themístocles — Eu não.

André — Não?

Themístocles — Eu comecei muito antes deles. Pode olhar os arquivos.

Gabriela — Mas lhe definiram como o porta-voz do regime militar aqui na Assembléia.

Themístocles — Ah, bom, aí... Por exemplo, quiseram uma visita do Miguel Arraes (foi líder do Partido Socialista Brasileiro, PSB, e três vezes governador de Pernambuco), aí eu fiz um boicote a ele e ele não veio à Assembléia... Tinha um monte de comunista aí (aqui), o Blanchard, o Aníbal Bonavides (Aníbal Fernandes Bonavides foi deputado estadual pelo Partido Social Trabalhista, sendo cassado em 1964 pelos militares. É autor do livro "Diário de um

preso político", publicado em 1986 pela Gráfica O Povo)... Tive que enfrentar essa turma toda, a esquerda era forte. E eu sozinho para enfrentar.

André — Por qual motivo?

Themístocles — Porque ideologicamente eu era contra eles. Eles defendiam greve. O Beleza aqui (José de Moura Beleza, presidente do Sindicato dos Bancários do Ceará na década de 1960. Foi enviado pelos militares para prisão na ilha de Fernando de Noronha em 1964), eu dei muita cacetada nele, o Beleza era o dono da cidade. Greve dos bancários, fecha banco, pronto, acabou. Mas vocês são crianças ainda, o tempo que eu peguei, ahn?! Não tá aí, o MST? É brincadeira um negócio desses. O agronegócio, que é uma das coisas que ainda escapam neste país, é a empresa privada, é o empresário, você não pode ter uma fazenda produtiva, que o MST invade. Até a do presidente da República invadiram, a do Fernando Henrique, a casinha dele, o sítio dele. E você não pode processar o MST: ele não tem figura jurídica. Ele recebe um dinheiro, financiado pelo governo, através de cooperativas. A roubalheira mais grossa do mundo! Tem mais de sessenta inquéritos; agora, não interessa ao Lula apurar nada.

André — Em algum momento você foi advertido ou chamado à atenção pelos militares, foi chamado pra conversar sobre alguma coisa da atividade jornalística?

Themístocles — Não, não, em 61, eu fiz um artigo para o jornal defendendo a posse do Jango, ele era o vice-presidente da República; saindo o presidente, tem que ser ele. E, eu tava em casa, já, quando o Murilo Borges, que era o chefe do Estado Maior, me telefona: "Themístocles, você tá fazendo o quê?". "Eu tô lendo o jornal". "Eu vou conversar com você aí". Ele foi lá em casa e me contou que tava havendo um mal-estar por causa de um artigo que eu tinha escrito. "Você se incomoda de ir lá?". Eu digo: "Eu vou na hora". Peguei o carro, saí com o Murilo Borges, fui lá, fiz a exposição, voltei pra casa e acabou-se. Aliás, o Correio do Ceará deu até uma manchete: "Jornalista preso". Que preso? Fui preso coisa nenhuma, passei meia hora lá.

Hébely — E qual foi o teor dessa exposição que o senhor fez?

Rafael — Teve alguma pressão?

Themístocles — Não, mostrando que o regime era normal, que o presidente tinha sido eleito e que se desse a ele a oportunidade dele... O Exército tinha derrubado o Jango do Ministério do Trabalho, considerou que ele errou, que derrubasse também da presidência quando... Mas que desse a oportunidade de exercício do mandato, no regime constitucio-

Certas expressões ditas por Themístocles durante a entrevista se incorporaram quase automaticamente ao vocabulário cotidiano da debochada equipe de produção.

Na corrida para cumprir os prazos de entrega de textos ao professor Ronaldo Salgado, Rafael era o mais pessimista. Bruno era o otimista. Rodolfo, o melodramático.

nal normal. O Jango, por exemplo, não foi deposto, ele abandonou o cargo. Você veja que oficialmente o Congresso Nacional declarou (*enfático*) vago. Auro de Moura Andrade era o presidente do Congresso. "Declaro vaga a presidência da República". Agora, se o Jango não quis assumir, foi para Porto Alegre, foi para o Uruguai, é problema dele. Ele não foi deposto. Rigorosamente, juridicamente falando, ele não foi deposto. Não houve deposição, não houve golpe. O golpe já estava na rua há muito tempo.

André — A presença do Exército nas ruas não seria um indício de que existia uma pressão militar para que o Jango saísse do cargo?

Themístocles — Nãaaa, o que houve foi o seguinte. O Jango tinha o título, o Lula tem também, de Comandante-em-Chefe das Forças Armadas. As Forças Armadas se sustentam em duas pilastras: hierarquia e disciplina. Se não tiver isso, não são Forças Armadas. Então o presidente da República, doutor João Goulart, participava de assembleia de sargento, o Tribunal Eleitoral negou a candidatura de um sargento, famoso sargento Garcia e os sargentos se sublevaram no Brasil. Na Marinha, comandante (*Cândido*) Aragão. Os marinheiros se sublevaram. Sindicato dos Metalúrgicos, aquele povo todo. O Jango ficou com os sublevados. Então, o Castello (*o cearense Humberto de Alencar Castello Branco (1897-1967) foi presidente entre 1964 e 1967, o primeiro do regime militar*), 20 dias antes das eleições fez uma circular dizendo que o Exército não era de partido nenhum, que o Exército era responsável pela segurança nacional, pá, pá, pá, não obedecia nem desobedecia o presidente João Goulart, mas que iria respeitar a lei e acabou-se. O militar que vai dar o golpe não utiliza uma região lá do interior, não. Ele bota é a Vila Militar, 15 mil e quinhentos homens. O (*Olímpio*) Mourão Filho (*militar mineiro que participou da tomada de poder em 1964*), lá de Juiz de Fora, que estourou, tinha mil e poucos homens na região dele. Foi o homem que saiu, o Castello tava dormindo. A tropa tava na rua. Foi uma reação do Exército contra o fim dele próprio.

Doutor, nada vai sem hierarquia e disciplina, até dentro de casa. No dia em que a sua empregada quiser mandar mais do que você, não vai dar certo, vai? Não vai. Na sua casa não vai. Tem que haver. A empregada no lugar dela, a chefe no lugar dela de chefe, o filho no lugar de filho, e assim por diante. Senão, degenera. Foi o que as Forças Armadas fizeram aqui no Brasil, não (*deixar*) degenerar.

André — Mas, seu Themístocles...

Themístocles — Agora, o que queriam era que o Exército tomasse conta e entregasse a eles de novo, como cometeu a ingenuidade da chamada democratização. Devolveu o poder aos civis. País sem cultura! Democracia é estágio cultural, estágio cultural. País sem cultura não pode viver em democracia. Poder, pode, mas não sabe. Tá aí o resultado. Tá aí o resultado. O Congresso Nacional parece uma delegacia, é comissão pegando ladrão de todo lado. O presidente do Congresso, a quarta pessoa da hierarquia constitucional, quatro processos de falta de decoro. Tenha paciência.

Isabelle — Me diga uma coisa. Com a volta do voto direto, o senhor disse que não teve redemocratização então, porque não tem democracia, né?

Themístocles — Hum.

Isabelle — Não é verdade? Com a volta desse voto direto, o senhor em 86 perdeu consideravelmente alguns eleitores, com a queda do regime, enfim. O senhor não acha que o bom político...

Themístocles — (*interrompe*) Nãaaa, é porque eu ia passando e disse: "Se tiver que candidatar um, bote meu nome aí" (rindo), e botaram, eu tive mil votos, sei lá, não sei quanto, não.

Rafael — Mas aí o senhor se candidatou em 82, em 86 e em 90 e a resposta nas urnas não foi tão satisfatória. A que o senhor atribui essa queda do eleitorado?

Themístocles — (*rápido*) Divulguei o nome e fiquei em casa. Não tinha dinheiro para gastar. Tu pensa que é barato, uma eleição? Tu pensa que é barato? Hum, vai, entra nela pra tu ver. Todo voto é comprado, meu filho. Eu montei um escritório ali pertinho do Banco Central, a fila de gente... "Pague minha luz, pague num sei o quê, pague num sei o quê". "Minha filha, eu vou lhe dar uma ajudinha, mas não vote em mim, não. Não quero comprar voto. Você vota em quem você quiser, tá aqui, vá pagar sua luz". Nunca comprei voto na minha vida. Todo mundo compra voto. Ou tem dinheiro ou não vai. Não tem um deputado federal aqui que não tenha gasto mais (*ele quis dizer menos*) de um milhão. Mais de um milhão.



A equipe de produção prometeu dar um pulo de cabeça para baixo da Coluna da Hora caso não terminasse a edição a tempo. Cumprimos, só para não pular.

Minutos antes do começo da entrevista, Themístocles confidenciou. "Se eu fosse depender do salário de jornalista, morreria de fome".

Discretamente, Bruno se aproximou ao fim da entrevista para dar um agradecimento especial e se desculpar pelo incômodo dos sucessivos telefonemas.

"Não, rapaz, que é isso, deixe de besteira...". E Themístocles saiu rápido para voltar a Eunice, a primeira e eterna namorada.

Rafael — Nas outras eleições que o senhor conseguiu se eleger, como foi que se deu sua campanha?

Themístocles — Maioria em Fortaleza. O governador do Estado, Parsifal, me recomendou aos amigos. Governador tem amigo, né? Então eu entrei, tive que gastar. Eu passei dois anos pagando o primeiro mandato. Dois anos. Dinheiro, pedindo emprestado à cooperativa do José Pessoa de Araújo (*um dos fundadores da Rádio Uirapuru, em 1956*). Não era comprando mandato. O cabo eleitoral dizia: "Quero aparelho de som", hoje é aparelho de som, naquele tempo era amplificadora, não sei o quê, pa, pá, pá, claro que tinha que ajudar.

Rodolfo — A gente tá acabando a entrevista agora por questão de tempo...

Themístocles — (*surpreso*) Que horas são?

Rodolfo — A gente queria que o senhor desse um último conselho para nós que estamos nos iniciando na profissão de jornalista.

Themístocles — Eu não dou conselho porque nunca recebi. Como amigo de todos, na profissão, eu sugiro. Primeiro: seja leal à sua própria consciência. Não se deixe levar por movimentos. Tenha personalidade. E o jornalista que não souber gramática, digo aos senhores: vocês não serão jornalistas! Ou estudem gramática ou... Como eu vejo (*por*) aí "cadê". "Cadê", não existe essa palavra "cadê"! "Fulano de tal foi penalizado". Tá errado! O termo é "apenado". No sentido de punir é "apenado". "Penalizado" é ter pena. Tô penalizado do Bruno, porque o Bruno tá chorando, etc e etc. "Cadê" é "o que é de"! "Cadê o Bruno?" não existe. "O que é do Bruno?" é que é o correto. Então vocês estudem gramática. Pelo menos pra não me fazerem raiva, como quando eu pego o jornal aqui (*rindo e fazendo expressão de desgosto*)... Então vocês sejam jornalistas. Leiam. Leiam. E estudem gramática. O elementar. Concordância. O elementar. "Que realizou-se", isso é coisa de analfabeto. O pronome atrai a variação. Isso aí se aprende num instante. Tem tanta coisa! É o elementar em português. Eu pego cada manchete do Povo que, minha Nossa Senhora, dá vontade de telefonar... Outra coisa: inventaram o quê, ombudsman, né? (*tenta acertar a pronúncia, a turma o socorre*) ombudsman, não sei o quê, (*irônico*) que é um negócio tão bom que só o Povo que tem! E na Suécia (*alguns alunos riem*). É um delegado de polícia fazendo queixa dos colegas dentro da redação. Você tá louco?

Rodolfo — Queremos agradecer a entrevista...

Themístocles — Que horas tem aí? São seis horas já?

Rafael — Seis horas.

Themístocles — Seis?! Deve estar todo mundo (*da associação esperando*)... Minha Nossa Senhora... Eu vou botar a culpa em vocês, viu?

Hébely — Pode botar.

Rodolfo — Obrigado pelo tempo, pela disposição, pelas palavras.

Themístocles — Se foi pouco, amanhã nós estamos aqui de novo.

* Resposta de Valdemar Menezes:

"Eu não tenho na memória o episódio, mas deve ter acontecido alguma coisa. O jornal O POVO tem uma Carta de Princípios. Se algum articulista fere essas regras, é chamado para adequar seu texto a esses princípios. Deve ter acontecido com Themístocles. Lembro-me do caso da referência citada por ele: era um artigo sobre Renan Calheiros. Entendi que o Themístocles ferira a Carta de Princípios, ao qualificar a jornalista Mônica Veloso de "garota de programa". Não só era um termo ofensivo, mas poderia resultar em um processo contra o jornal. Pedi que minha editora-adjunta ponderasse com ele. E fomos atendidos."

Valdemar Menezes

